

DIÁRIOS DE BORDO: RELATÓRIOS DE UMA PRÁTICA INVESTIGATIVA DA SUBJETIVIDADE E DO MUNDO OBJETIVO

2018

Alan Ferreira dos Santos

Graduando de Psicologia na Universidade Paulista (UNIP), Brasil
Discente na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil

E-mail de contato:

alanfs1995@gmail.com

RESUMO

O artigo pretende demonstrar as potencialidades do Diário de Bordo sendo utilizado na área da Psicologia. Esse instrumento fora amplamente aplicado em diversas áreas do conhecimento, mas hoje em dia é sabido – através da História da Ciência – que muitos cientistas dos mais variados campos o empregava enquanto ferramenta. Sua conveniência se encontra no fato de permitir com que o pesquisador possa estar constantemente recorrendo a escrita para “esclarecer-se” sobre sua prática, colocando em ordem os seus pensamentos, organizando as suas suposições e hipóteses de modo a formular passo-a-passo um esboço elementar das configurações básicas da sua investigação e do seu cotidiano investigativo. Pretende-se demonstrar de modo factual e experiencial o que é o Diário de Bordo, para isto utilizou-se como exemplos os relatórios produzidos na disciplina de Psicologia do Cotidiano que ocorreram durante o ano de 2016. Dentro do espaço de um ano produziu-se desde do início um Diário de Bordo com a finalidade de testar suas diversas funcionalidades. Concluiu-se que a ferramenta é útil e tem um valor histórico com características psicológicas muito peculiares, a título de exemplo podemos afirmar que o registro do cotidiano de uma prática científica tem singularidades dado a subjetividade do pesquisador e que esta não é ausente, mas comparece frequentemente. Esse trabalho está dividido em duas partes. O primeiro Diário de Bordo se refere a observações simples e descrições de diversos ambientes sociais, como também sua análise e interpretação. A ideia é simplesmente permitir com que o investigador possa adquirir autonomia de pensamento e de observação e ao mesmo tempo estimular

sua criatividade e originalidade. Já no segundo Diário existe uma complementação entre a criatividade e originalidade, somado à busca de evidências já existentes para dar base e sustentação as teses do escritor. Por fim, podemos constatar que o Diário de Bordo é um experimento de estimulação de diversas capacidades cognitivas necessárias ao bom desenvolvimento de uma prática científica, a saber: a faculdade de autoconhecimento e do senso crítico-analítico. Como também a capacidade de distinção e discernimento de processos subjetivos e objetivos, de mundo interno e externo. Pré-requisito esses que são necessários a um pensamento que se pretende ser autêntico.

Palavras-chave: Diário de bordo, diário de investigação, diário de campo.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO SOBRE OS DIÁRIOS.

Os diários se tornaram parte necessária para a compreensão da história da ciência. Na maioria dos casos os investigadores têm a cabeceira de dormir os seus diários na onde relatam sua experiência cotidiana de investigação, suas características e particularidades, como também os seus progressos e regressos numa pesquisa. Esse tema fora muito bem problematizado por diversos autores havendo uma vasta bibliografia (BRAZÃO, 2007). No entanto, essa ferramenta auxiliar não é nova e é conhecida por todos as áreas do conhecimento. Mas qual é a utilidade desse dispositivo? E nos que ele nos ajuda? Essas perguntas são de alta relevância. A utilidade dos diários é que eles descrevem a prática cotidiana de um investigador e demonstra passo-a-passo os processos nos quais se desenvolve um experimento científico ou a constituição de uma determinada teoria. Em um nível prático podemos extrair desses diários implicações que são de teor epistemológico, filosófico-científico e metodológico.

Além disso podemos observar de modo extenuante as diversas combinações entre a subjetividade e a objetividade, e que a pesquisa científica não está isenta de ardor e fúria, e muito menos de amor e paixão.

No campo da psicologia que é uma área que mescla o mundo objetivo com o subjetivo, é necessário que haja um processo de reflexão sobre a própria prática. O psicólogo está à mercê e vulnerável a todas as formas de emoção. O diário é o espelho do psicólogo, na onde ele se reflete, se percebe, na onde vê de modo claro e lúcido o que ele *foi* e o que *está sendo*.

O diário demonstra também que o cientista é uma pessoa e assim sendo tem tendência das mais variadas. Desde de orientações técnico-científicas até as poéticas-religiosas. Apesar de percebemos que no contemporâneo existe uma clara separação entre ciência e religião, em termos psicológicos – para variar – essa linha é mais tênue do que pensamos.

O cientista pode ser acometido de doenças, de frustrações, de intrigas sociais e por outro lado de paixões, de amor e de beleza estética proporcionada por um certo prazer eliciado pela existência e suas formosuras.

O cientista é um observador natural que faz observações simples de fenômenos cotidianos e por sua vez faz suas anotações. De anotação em anotação ele passa a dar forma a um certo acúmulo de experiências provenientes dos estímulos sensoriais. Ao decorrer de uma certa temporalidade passa-se a visualizar invariáveis e variantes de um mesmo fenômeno e aos poucos inferências e especulações teóricas passam a emergir e a orientar cada vez mais o posicionamento diante da realidade. Esses fragmentos experienciais são recortes que a racionalidade humana produz em seu aparato cognitivo. Com repetidas observações, esses fragmentos passam a obter uma forma, uma configuração e uma constituição. Em pouco em pouco essas estruturas passam a ser compreendidas e suas funções esclarecidas. No entanto, o processo científico, é um procedimento que entrelaça diversas complexidades. Uma dessas complexidades é o próprio fato de que uma teoria é determinada por influência das mais variadas, como as qualidades psicoafetivas e as condições sócio-histórica/político-econômicas do sujeito que investiga.

Esse diário de bordo que vos apresento é um exemplar de como o processo de investigação do mundo interno e externo está entrelaçado numa conexão indissociável no campo das ditas ciências humanas. Aqui é demonstrado o processo cotidiano de investigação, da observação simples dos fenômenos naturais e dos diversos atravessamentos aos quais qualquer pesquisador está acometido em um dia no qual o seu humor varia.

ALGUMAS ANÁLISES SOBRE OS RELATÓRIOS.

Os relatórios que seguem demonstram a experiência em primeira pessoa do investigador iniciante na área de psicologia. O interessante é observar – sempre – o modo pelo qual os pensamentos são construídos e as maneiras pelas quais o movimento do pensamento se processa.

As observações simples e as anotações são mescladas, enquanto ocorre a observação as anotações são feitas e ao mesmo tempo conteúdos de origem subjetiva se misturam com os de origem objetiva. A simplicidade da observação é o ponto crucial, a introspecção se torna um meio de investigação e nesse circuito de internalização e externalização, a dialética se faz, dando amostras do protótipo do desdobramento do fazer ciência.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO 1º DIÁRIO DE BORDO.

O primeiro diário de bordo é constituído de anotações sobre observações do cotidiano. Os principais elementos envolvidos nessa escrita é o total desprendimento de categorias conceituais e a pura espontaneidade na observação e nas anotações. As conclusões que são desenvolvidas em cada relatório são de total originalidade do relator. Se utilizando do seu próprio conhecimento, das suas ferramentas e dos seus dispositivos de análise, percebe-se o total desembaraço e o livre fluir dos pensamentos. A característica principal nesse diário é a possibilidade de permitir a aquele que escreve a expectativa de livrar-se das amarras do pensamento - no sentido de fundamentar o que diz através de uma autoridade ou uma referência bibliográfica -, o que existe é a total liberdade de deixar o pensamento e o corpo fluírem num conjunto uníssono de harmonia e completude. A originalidade, a criatividade e a liberdade tornam-se a chave mestra e guia dessa escrita desapegada e livre de qualquer forma de sujeição ao outro, nesse espaço a maior lei, é a lei do sujeito, e, portanto, a lei da subjetividade, é esta que orienta todo esse trabalho de escrita. A espontaneidade aparece enquanto sendo a matriz e o núcleo do processo de escrever. Qualquer forma de tecnicismo ou profissionalismo é inexistente nessa narrativa, lembrando que não é a escrita de um investigador profissional, muito menos de um pesquisador iniciante, é simplesmente o tatear de um jovem observador, inquirindo e encontrando formas de responder aos seus anseios mais profundos. Sobre o quesito da investigação podemos analisar de que forma se dá o desenrolar de uma pesquisa, neste ponto vemos de modo muito basal as movimentações e as angulações da reflexão sobre a empiria e de modo muito rudimentar a descrição dos fatos. Quanto a isso temos a oportunidade de vislumbrar as etapas do desenvolvimento do fazer ciência, mas só que em um nível extremamente primitivo. O mais agradável de tudo o que irá apresentar-se nas linhas seguintes é o jeito desengonçado de se pensar, as articulações entre teoria e fato pouco sofisticadas, o modo desajeitado de observar e refletir, e principalmente a falta de uma total acurácia e ausência de acribia.

RELATÓRIOS DO DIÁRIO DE BORDO – PSICOLOGIA DO COTIDIANO.

Observação Nº 1: Cantina da universidade.

Na cantina tem diversas mesas, os alunos se agregam em grupos de duas pessoas há cinco, nas paredes ou nos espaços onde tem menos transeuntes o agregado é maior, chegando a ter quatorze pessoas reunidas no mesmo local.

Os indivíduos que estão só, tem propensão a utilizar o celular, mais do que aqueles que estão em grupo, de cinco pessoas, quatro utilizam o celular em situação de isolamento. Os que estão em grupo, tendem a ter uma conversa verbal, mas é observável que em momentos, no qual "não há conversa", e nem mesmo tentativa de reconstituição da própria, a possível utilização dos recursos tecnológicos entra em voga, como uma espécie de paliativo em situações de não diálogo. Infere-se, portanto, que não há espaço para o silêncio, o que poderia promover "insights" e até mesmo, um processo de introversão. O contínuo movimentar-se, denota uma ansiedade, de estar "ligado", a todo instante com algo, mesmo que este algo seja uma pessoa ou uma rede social, que no caso é um objeto inexistente e não físico.

Aqueles que não utilizam o celular, mas não estão em contato com nenhum indivíduo, expressam por meio da fisionomia um cansaço. O contínuo uso do celular, por longas horas torna-se um enfado, sendo uma ferramenta efêmera.

Um destes sujeito da descrição acima, levantou-se da mesa e foi embora, após quinze minutos de observação, voltou a cantina, procurou sentar-se no lugar onde estava, mas fora ocupado, percebendo que as mesas estavam no sentido (1º - Ocupada, 2º - Vazia, 3º - Ocupada, 4º - Vazia e etc.), preferiu não sentar-se em nenhuma, pois teria que se encaixar no meio de dois grupos, estando sozinho, provavelmente sentiu-se inseguro no meio de pessoas interagindo, quando ele próprio não estava, optando por evacuar novamente.

Em grupos formados onde não prevalece o diálogo, é notável os monólogos coletivos, um retrocesso a fase pré-operatória, onde há linguagem egocêntrica, fala-se consigo próprio "com um celular", mas que não se sabe, se é uma pessoa ou uma inteligência artificial por trás deste. O renunciar de uma relação presente, por uma virtual, é um sinal claro do sentimento deslocamento e de não querer estar, onde está, poderia até dizer um desejo de estar em outro tempo e outro espaço, que se realiza a partir da extensão do corpo humano na tecnologia, que permite o indivíduo ir algures. O "estar" em outro tempo e espaço, demonstra em primeiro ponto uma impotência de obter, o que se almeja e em segundo uma acomodação na realidade pelo o que ela é, pois no sentido contrário, o indivíduo não se conformaria com a realidade indesejada e buscaria a desejável.

O bombardeamento incessante de informações (redes virtuais, jogos, vídeos, publicidade) e as transformações sociais, em processo rápido provoca um sentimento de anomia, proposto por Durkheim, o que poderia fomentar as motivações inconscientes, do indivíduo ir de encontro, à diversas tendências, a se comportar de um determinado modo e exercer práticas das mais variáveis possíveis, como uma tentativa de reorganização da psique, por meio dos mecanismos de ajuste, tendo um equilíbrio dinâmico e obtendo assim uma homeostase. Esses processos regulatórios tendem a compensar, a parte desproporcional do organismo, o que em *stricto sensu*, poderia ser patológico ou não, isto é, um julgamento seria possível, apenas a partir de uma avaliação das próprias condições que subjaz ao sujeito, se é ou não prejudicial a sua saúde mental.

Percebo no exato momento um grupo, com sete integrantes interagindo. Uma garota com aparência física aceitável socialmente, se inibe das interações, se retrai e retira do bolso o celular, que irá distraí-la momentaneamente. Ela não é feiosa, mas é bela, então por que se retrai, por que não interage? Mesmo tendo pessoas do sexo masculino e feminino de aparência atraente, ainda sim, nenhuma interação? Minha hipótese, é que ela dotada de uma timidez, pois como sabemos, algo como isto, em níveis elevados, provoca um medo constante do julgamento social, o que acarreta em uma fobia crônica e em camadas extremas, ao isolamento completo. A utilização do celular em momentos como este, se torna um aplicativo de severa utilidade, no sentido que encobre a deficiência visível da garota em relacionamentos sociais, e que, portanto, sublima o seu déficit com uma rotulação "Não posso conversar, espere um pouco", mas que na realidade é uma defesa psíquica, que à faz parecer "ocupada e segura", mesmo não estando e que à protege da confrontação consigo própria e das críticas e "do que pensam sobre mim". A consequência dessas relações acarreta o repelir de pessoas, que caso perceber-se-ia "só", faria uma tentativa de interação, abrindo um possível diálogo e firmando uma relação social, o que em último sentido, poderia ser a "cura" das suas inibições, por meio de um "estar aberto ao mundo", à exonerando assim de uma posição de fechamento em si mesmo. O que me faz deduzir isto, é um segundo rapaz belo, que ora ou outra, direciona o seu olhar, na direção da garota recatada, demonstra ser desinibido em suas interações, mas motivado, a iniciar uma conversa, me parece estar aguardando o momento exato, mas este momento não aparece, pois a garota não deixa de utilizar o celular, não obstante, passam-se cinco minutos e nada acontece, olhadelas por parte do garoto e a garota cabisbaixa em seu mundo particular, o grupo de um modo geral se cumprimentam e acabam se retirando, não sabe-se o fim da história e nem o que aconteceu.

A guisa de conclusão podemos dizer, que nada pode ser comprovado empiricamente sobre as aferições feitas, pois não houve uma pesquisa participante e muito menos uma análise científica com levantamento etnográfico e uma interpretação hermenêutica, o que descarta a possibilidade de veracidade, entrando apenas no campo das elucubrações, filosóficas, sociológicas e psicanalíticas.

Observação Nº 2: Rodoviária.

São 11:00 horas acabei de sair da aula de carro, está um calor "infernai", no entanto estou em uma bancada acima da rodoviária de Valinhos, esse lugar apesar de ser do tamanho de um banheiro, eu o amo e tenho um carinho profundo, talvez por ser pequeno e solitário, no fim do mundo.

Daqui observo tudo, tem um cara fumando baseado em pleno dia sem medo algum, parece estar bem relaxado, não obstante, está incomodado agora por que estou aqui, as pessoas só relaxam quando estão só, é o único momento que elas podem ser elas mesmas. É adolescente deve ter fugido de casa para usar drogas, igual eu fazia na minha época. Se drogar para esquecer um pouco da vida sofrida... Era o que eu fazia. Apesar do uso ser prazeroso nenhum baseado salvou minha vida, muito menos as dos meus amigos, que dizem "Fumar para curtir um barato", quando já se tornou uma dependência, é notável que quando saem, só saem se fumar um, por que se não, a vida torna-se sem graça, suas sensações já estão saturadas, sentem o gosto da comida insossa, a música não atravessa o sistema nervoso, o beijo é apenas um toque de pele.

Hilário minha presença o ter incomodado, que nem dizia Sartre "O inferno é outro", ele queria só um pouco de paz, virou-se e foi embora. Eu me tornei o inferno de uma pessoa, de quantas mais eu sou?

A onde estou apoiado tem desenhos penianos, uma garota acabou de sentar-se na escada lá embaixo, ela não é bonita, será que alguém a ama? Eu poderia ama-la desprendidamente e sem compromisso algum, apenas por amar, apenas por estar perto de alguém na simplicidade. Ela tá sozinha e parece entediada, eu chegaria e não diria muito, a colega dela chegou e ambas foram embora. Eu poderia ser o homem da vida dela... Oras, será que quando estou em algum lugar, alguma garota me observa e diz "Como ele deve ser?". Talvez em alguma época quando alguém tentou ser aproximar de mim, eu fui embora e assim uma mulher que me amou foi deixada para trás, com um amor nunca acontecido e um desejo nunca revelado, fui para longe... longe...

Quantos amores não são revelados por dia? Minhas questões são demasiadas filosóficas, mas eu me sinto filósofo, digo sem soberba alguma. Tem um garoto sentado aqui perto, estou vestido com roupa branca e calça jeans, estou parecendo os assistentes sociais da prefeitura, ele deve tá pensando "Fodeu ele tá escrevendo o que estou fazendo, vou avisar pra galera que moio colar no escadão". As pessoas julgam tanto umas às outras sem saber nada, uma camiseta branca, calça jeans, caneta, papel e um sapatênis, se ele soube-se que por trás da capa, só há mais uma vida, o que diria?

Como um lugar tão feio como este, todo pichado pode ter flores tão belas? Se não fosse por isso, talvez não houvesse essa heterogeneidade de pessoas. Uma garota passou aqui, subiu e desceu, parece perdida, e esquece que todos estamos, como se fosse anormal se perder. Desde de Adão e Eva... A cobra que os envenenou e que perante todos é o ser ruim, eu vejo como o mais perfeito dos seres, deu a vida, os sentimentos, a racionalidade a escolha... Deus só ficou bravo mesmo por que não queria pessoas iguais a ele, com opções de escolha e poder de criação... Isto é colocar Deus no divã, estou fazendo uma leitura da Torá Judaica... Eu nem acredito que ganhei uma bolsa em Teologia Filosófica, estou contente em apreender mais, conhecimento é sempre bom, principalmente quando os mestres são competentes.

Um velho cheiroso passou. Velhos são descuidados, pelo menos os que eu conheço, por conta dos seus sintomas de demência, esquecem suas axilas e, portanto, o desodorante.

Essa rodoviária tem tanto ônibus, que não deixo de pensar e me perguntar. Será que essas pessoas são felizes? Algum sabidinho de psicologia, me diria "Haha, você não é feliz, isso projeção" e blá blá blá. Não gosto de imprudência, principalmente de juízos rápidos, sem cautela, os psicanalistas deveriam saber dos gregos, principalmente da escola do ceticismo pirrônica, que tinha a famosa epoché, que é a suspensão de juízo, nada é analisado no momento, os bons analistas são hábeis, eles rondam o seu objeto pesquisado, investigando, coletando dados, se utilizando da empatia, até o chegar o nível da compreensão aproximativa do ser...

Comecei a fazer uma dieta faz cinco dias, me objectivei fazer por vinte oito. O que não fazemos para se sentir melhor.

Uma garota da minha infância acabou de passar, se é ela ou não, não importa, mas a imagem dela me veio ao pensamento, seu nome é Emanuella, chamava-a de Manu, bela como uma flor, diria como uma rosa, de cabelos vermelhos, eu não gostava dela, o capital não compreende a ação desinteressada, se você conversar com alguma garota é sempre sinônimo de querer ter relações sexuais com ela, tanto que as mulheres ficam apreensivas quando um hétero quer conversar, ou ser amigo, alguma coisa do tipo. Eu gostaria de ter um amigo gay, não que eu seja homossexual, mas gostaria de tentar romper com essa divisa, de que pessoas diferentes não podem conviver e que os grupos devem ser homogêneos. Sabe? Sabe? Pra quem é essa pergunta? Que absurdo.

Se você tenta ser social é interesseiro, se fica na sua é antissocial. O que é um paradoxo, por que ter interesse não eliminado por essas categorias de ser social ou não, mas é a importante a etiqueta, educação doméstica é sempre bem-vinda, ser mal-educado que é feio.

A Ju Rodriguez está passando, eu tive um namorico com essa garota aos meus 16 anos... Meu Deus, essa rodoviária é ponto de encontro? Eu suspeitava que ela tinha dupla personalidade, as vezes quando íamos sair ela dizia, que não daria pra ir, justificando uma dor no corpo, passava-se cinco minutos, ligava dizendo que iria, aí eu perguntava "E a sua dor?", ela dizia "Que dor?", eu

nem discutia pra não arrumar problema, ia namorar e boa. O mais interessante de tudo, é que tive bons momentos com ela, não foram ruins. Bom tenho que ir, estou cansado e está sol, agora são 13:00 horas.

Observação Nº 3: Praça pública.

São 18:00 horas acabei de sair de duas aulas de carro, estou fazendo essa observação em uma praça, aqui tem diversos bancos, transeuntes e eu.

Um pássaro está bem a minha frente, nunca vi um tão perto, geralmente todos tem medo do que sou (humano), e eu perguntaria, mas quem não tem? Pois o que mais existe nesse mundo é gente picareta. Mas isto é indiferente, todos somos em maior ou menor grau.

O pássaro tem olhos de cor laranja sua pelagem no pescoço é verde, um pouco mais abaixo é cinza e seus pezinhos são vermelhos, esteticamente é uma espécie bela, que eu nunca vi e que pela primeira vez estou vendo.

Hoje vi algo maravilhoso enquanto estava na aula, e indo em direção ao meu destino, avistei um guarda limpando um matagal, retirando o lixo e os plásticos que por ali estavam. Fiquei pensando que ele não precisava se dá ao serviço, muito menos se importar, pois quem iria perceber? Todos os dias pessoas passam por aquele mato limpo e nem percebem que ele se quer, já foi sujo e melhor, que alguém o limpou. Constantemente pessoas fazem coisas por nós e nem sabemos, e jamais agradecemos. Eu não acho que limpar a rua seja apenas um trabalho remunerado, e que é dever da pessoa ou apenas uma tarefa a ser cumprida, que nem os "sabidinhos" expressam por aí "não fazem mais do que uma obrigação". Penso que a contribuição é enorme, tais seres limpam e organizam o local que você pisa, existe honra maior do que alguém se preocupar com ambiente onde seus pés andam? E mais, desde de quando eu mereço que alguém limpe o chão que eu piso?

A praça onde estou sentado é tremendamente suja, as pessoas são pilantras por preguiça, exatamente por não preservá-la e quando veem a sujeira começam a reclamar, não obstante quando está limpa, nem percebem que alguém as limpou, pensam que a praça nasceu limpa e sempre foi limpa e que vai ser sempre assim. Às vezes eu não tenho nenhum valor, nem mesmo comparável a sola do meu sapato, digo isto, por que me percebo nas outras pessoas e vejo que as vezes ajo do mesmo modo. Lembrei-me de uma passagem do livro do Hamayana, que quando Havana está morrendo, aparece um Deus representante do tempo que diz "Pensaste que eu não iria me vingar, pois agora tu morres e eu me vingarei" Havana responde "Cala-te tolo, não sabes por que eu morro e sofro, eu sofro por amor e o amor é maior do que tudo, com isto eu serei eternizado, exatamente pelo fato de amar, excomunga-te, vai-te. Saibas que sou mais forte e nada pode me deter por que

eu amo, não pense que por ser o tempo, não pode ser vencido, as minhas mãos esbarram ao vento e o tempo se minimiza diante de minha grandeza" nesse momento o Deus do tempo, fica constrangido e com medo desaparece. Eu tive esta recordação por conta da frase "Cala-te tolo", e escrevi esta passagem por nenhum motivo específico, a não ser, por que me deu vontade e por que eu gostaria de chamar os tolos de tolos. E mesmo que não houvesse a ver com o que eu estava falando, não importa, pois, apesar de ser incompreensíveis as minhas associações mentais ao olhar alheio, eu as compreendo.

Aquela calçada ali embaixo está limpa, alguém a limpou para os meus pés impuros tatear. O mundo é transformado a todos os instantes, o problema é que ninguém percebe a mudança, tem uma loja de produtos aqui em frente que vende-se ali alimentos de Minas Gerais, se eu quiser doce de leite e queijo mineiro vou ali e compro. A mulher que é dona dessa loja tem prejuízos e as vezes ganhos, investir em algo incerto é de uma tremenda coragem, as pessoas pensam que ela é exploradora, que ela é "Capitalista", "que ela gosta de dinheiro", como se as pessoas não gostassem de dinheiro, de consumir e andar de carro. Isso aí é recalque freudiano puro, todos sentem inveja do que a mulher tem, e principalmente da coragem empreendedora dela e ficam se remoendo por dentro, por conta da frustração de não conseguir o que ela conseguiu. O maior mito de todos é pensar que o dinheiro é algo novo, é uma falácia, pois existe desde das primeiras civilizações de 4000 anos atrás, o que alterou foi o modo de circulação do próprio, e o representante que agora, são cédulas e não objetos de troca.

Veja essa garota passando ali, suponhamos que ela trabalhe em uma loja, hoje ela irá atender uma pessoa acima do peso, demonstrando que não existe apenas um tipo de corpo e um padrão de roupa na apresentação das vestimentas, ela acaba produzindo uma alteração no humor do cliente e consequentemente o ânimo do próprio, só pelo fato de olha-lo sem preconceito, talvez as gorduras que ele tenha não seja um incômodo pra ele, mas para as outras pessoas, por que a maioria das coisas que fazemos é para os outros. Se quero perder peso, não é por que me incomoda, mas sim por que os outros reparam, se o meu cabelo é feio, por mim tudo bem, mas os outros reparam, existe uma régua social que fica a todo instante te analisando e te colocando na linha. Parece que as pessoas esquecem, que existe espaço geográfico para todos neste planeta, principalmente para os gordos, então por que se incomodar se existe espaço à deriva por aí? O mundo é grande demais, a única coisa idiota mesmo, é gente besta.

A duas semanas atrás eu sonhei com essa rua, sonho estranho, mas compreensível, eu o analisei "Junguianamente", fez sentido e alterou a forma do meu comportamento.

O mundo se transforma, e as pessoas o transformam, eu acredito que posso alterar algumas coisas, mas o meu querer mudar, tem de ser correspondente ou equivalente a minha ação na realidade. Não gosto de sonhar absurdos, nem utopias, gosto de trabalhar com as ferramentas que

disponho e não com o inexistente, o que é absurdo. Tem de ser equilibrado fazer o possível no impossível.

Mais um pássaro pousa aqui perto, incrível como não sentem medo, engraçado que a dois meses atrás esses animais voadores me atacaram, agora ficam de dengo. Me sinto livre ultimamente como se tivesse descarregado um peso das minhas costas, é bom "fazer coisas que nunca pode se fazer" e agir em coerência com os pensamentos e as emoções.

Eu disse ao meu instrutor que o trabalho dele tinha uma importância social de grande significância. Ele despejou toda a sua insatisfação dizendo que ninguém se importava com o que ele fazia, nem os próprios órgãos institucionais.

Um outro sentimento que estou tendo no momento, é uma espécie de "Já fiz tudo o que tinha de fazer, movi pedras e montanhas, agora cabe ao destino em acolher e acomodar minhas ações na sua realidade", tem coisas que realmente não dependem de nós e não há o que fazer.

A dieta que estou fazendo me gera um êxtase corporal, um cansaço calmo e lívido, o vento quando me toca, me carrega, levando junto de mim os meus pensamentos para o horizonte. Um cansaço maravilhoso circunda o meu corpo, um cansaço que é um alívio, de saber que não precisarei me preocupar. A melhor metáfora que tenho para explicar o fenómeno é, sabe quando você corre 8km e chega em casa cansadíssimo, toma um banho, deita na cama e sente aquele alívio de saber que não precisará mais correr aquele dia? É isso puramente o que sinto, um alívio de saber que não precisarei correr atrás de algumas coisas, que posso abandonar e seguir em frente, e o melhor de tudo é que. Eu abandonei.

Finalizo aqui, não estou afim de falar ou escrever, quero apenas silencio, o silencio é calmo e é a voz da alma, diz tudo sem dizer nada. O silencio não é discurso, nem é interpretação, o silencio não é nada e, portanto, é tudo, sendo a verdade. Prepotente sou e não me envergonho de ser. É tudo muito simples, é como se o intuitivo tivesse de acariciar a sensação. A verdade? Como encontrá-la? No silencio. São 20:00 horas.

Observação Nº 4: Restaurante.

São 20:00 horas, tem poucas pessoas aqui, os bancos estão vazios e tem uma garçonete limpando as mesas. Esse horário noturno, é quando os pais trazem os filhos para comer. Maioria das pessoas que estão aqui tem em suas camisetas o brasão das escolas particulares. Como deve viver essas pessoas? Com um pai que busca todos os dias na escola, que estimula a estudar e paga cursos de idiomas. Com certeza os seus sofrimentos não são limitam, a questões materiais, mas ainda há pessoas, que sentem falta de algo superior. Mas isto é uma questão crucial para a minha

reflexão. Suponho que altera-se drasticamente a vida de um ser humano, uma educação que os pais estimulam os filhos desde de pequenos com livros e atividades intelectivas, gerando assim uma propensão a serem intelectuais, por outro lado pais que trabalham manualmente, como por exemplo um pedreiro, o filho como recebe os estímulos desde de pequeno, ele não brinca com livros, mas com carrinho de mão, aprende desde de pequeno a não utilizar o sistema nervoso, mas sim o trabalho braçal. Tem estudos que percebem que "atenção", "pensamento prospectivo", "educação emocional" são privilégios de classe, pessoas socioeconomicamente vulneráveis, principalmente alunos das escolas públicas, tem pouca atenção, dificuldade de se concentrar, o que acaba gerando criminalidade, pelo fato do indivíduo não aceitar trabalho braçal e ao mesmo tempo não conseguir fazer o intelectual, nesse sentido por almejar, por desejar os bens de consumo, procura vias rápidas para satisfazer os seus desejos, já que a sociedade impulsiona esse movimento de consumir incessantemente.

Na verdade, eu acho justo a criminalidade, creio que as pessoas só estão devolvendo, ou retribuindo aquilo que todos nós como tecido social fomentamos. Se excluirmos as crianças de um ensino descente, de uma família estruturada, de uma vida digna, eles por sua vez, nos devolvem aquilo que nós produzimos, é apenas uma reação para aquilo que construímos, eles são exatamente aquilo que fizemos deles, e eles fazem com o que fizeram deles, a desgraça de todo mundo.

Como tratar um problema complexo sem entrar na parcialidade? A ciências humanas no Brasil é uma piada, os intelectuais são pouco inteligentes ou não vislumbram alternativas, não é por menos, que toda pesquisa que fazemos hoje na academia vem de fora. Ninguém quer copiar o Brasil, por que ele só copia e não produz nada. Salvo as ciências naturais, que aí é outra coisa. Mas humanas é de chorar. Eu digo por que, o que eu vejo são Doutores e Mestres, que professam a verdade nas cátedras universitárias, eles dizem o que é certo e errado, mas você nunca vai ver tais professores praticando o que pesquisaram.

Eu tenho um professor na USP chamado Nilson José Machado, que ele faz pesquisa na de área de educação, mas o mais interessante, é que ele dá aula pro ensino médio, além da universidade. Por que ele realmente pratica o método que ele desenvolveu, comprovando que realmente dá certo. Ele diz uma coisa muito interessante nas suas aulas, que eu fico rindo quando eu ouço "A moda hoje é ser construtivista, mesmo ninguém sabendo o que, que é isso", é perfeita a lucidez dele, só corrobora umas das minhas intuições, de que as dissertações e teses de mestrado e doutorado, a maioria é tudo inútil. Um profissional chamado Samuel Pfromm Neto, que é um dos ocupantes da Academia Paulista de Psicologia, grande pedagogo que fundamentou e construiu uma teoria sobre educação, tanto em escolas, quanto em empresas ele diz "O que nos falta é Psicologia sólida" realmente nos falta. O quanto estamos perdendo ficando com essas teorias ultrapassadas, além das teorias serem as mesmas, o mais absurdo é que não há desenvolvimento posterior, o que é anacrônico, são aplicadas em uma realidade totalmente divergente do que a

própria teoria pode capturar, veja o caso da política brasileira, tem psicólogos que dividem o mundo entre dominante e dominado, pobre e rico, mas você nunca vai ver esses "defensores da igualdade" saindo as ruas, eles ditam o que querem, e falam o que querem por que nada acontece com eles, e eles ganham fama de "bons" ainda, o que é um desserviço por que isso só impede a ciência de aflorar, Marx fez uma obra linda, deturparam o pensamento dele. Se um professor de engenharia, falar alguma coisa errada, ou um de medicina trocar o nome de um órgão, o aluno aprende errado e isto tem consequência na realidade, o prédio cai e o paciente morre, por conta da incompetência e falta de técnica docente. Nas ciências humanas não, o professor universitário pode falar qualquer coisa que ele quiser, que ele sai ileso, por que qualquer teoria é a correta e justificada não pelo fato, mas sim por uma lógica, que mesmo não correspondendo a realidade, "encobre os seus interesses não revelados" pra usar um termo do Machado de Assis. Portanto qualquer pensamento serve, e ele não é criticado, até por que não são todos alunos que tem interesse em ciência, mas quem tem comprometimento com ela, tem o dever de trabalhar essas questões de modo profundo, e não receber as informações passivamente.

Até por que quem faz ciência somos nós, e nós próprios produzimos as nossas ideologias escancaradas ao absurdo, as vezes cômicos da nossa perpetuação e intenção, mesma que esta seja desprezível. É possível continuarmos nessa luta eterna? Não vamos parar nem por um segundo? Como conciliar interesses contraditórios? Até por que o interesse em si próprio há contradição, puramente pelo fato de que ele nunca é manifesto, a sua oposição é estar sempre do lado oposto, que seria a sua invisibilidade. Agora se pensarmos adiante veremos o quanto a causa é complexa, pois se o interesse é contraditório em sua essência, o que poderíamos dizer do interesse do outro confrontado ao meu? E não apenas isto, estamos falando de algo que motiva as ações humanas e que estes propriamente desconhecem a causa de seus comportamentos. Agora me diga se isto não é um abacaxi? O sujeito não sabe o que lhe motiva, nós não podemos perceber a motivação e o mais intrigante de tudo é que sua dinâmica é constante ou seja é presencial, da mesma forma que o átomo de Bóson Higgs, que se conecta ao todo, a partir do próton, elétron e nêutron, poderíamos até mesmo dizer que essa descoberta atômica nos leva a crer na intuição das teorias cosmológicas ou holísticas que prezam pelo universal em suas complexas conexões.

É evidente a complexidade do ser humano e a sua natureza e a do mundo, como podemos desvendar a sua singularidade, com teorias poucas sofisticadas e precisas? Uma coisa que percebi, é que a intuição é importante para o desenvolvimento de conceituações, o cientista há de ter aquilo que Max Weber chamava de "afinidades eletivas" ou seja, uma percepção da conexão sutil entre os fenômenos estimulantes e não a omissão de seus fatos. Há uma saída, e o mais interessante de tudo é o quanto isto me afeta jubilosamente saber.

Por qual caminho começar tal pensamento? Por quais conexões? Tem coisas que começa-se a partir das afirmações desconexas, talvez na desconexão é que se encontre alguma peculiaridade,

elemento ou composto necessário para derrubar o "Véu de Maia" que o louvável Nietzsche nos cita em o "*Nascimento da Tragédia*". O que é a verdade? A certeza? Uma conclusão? Uma hipótese? Uma construção? A verdade é um pressuposto que enquanto não houver uma afirmação ou um fato que o elucide de maneira mais clara, acaba se tornando legítimo como sendo verdadeiro. Portanto eis a resposta. O que é a verdade? Nada mais do que uma aproximação, que se esgota por meio de suas definições declaradas por nós, mas que nunca se reduz a uma nomenclatura, pois sempre nos levará alguma outra coisa, uma vez que suas relações são ligações e nunca isolamentos, agora se queres um axioma, pois digo um: Não existe elementos isolados no universo. Ou existe? O axioma precisa apenas ser uma afirmativa, mas isto não quer dizer que precise ser unilateral, ao menos nas ciências humanas que não existe axiomas, mas que deveriam ser criados, não obstante, acabei de criar um, que como as ciências humanas, é ambíguo. Termina aqui a minha reflexão são 22:00 horas, obrigado.

Observação Nº 5: Shopping.

São 10 horas e 30 min, até que estou bem hoje, dormi umas dez horas de ontem pra cá, descansei bastante. É bom dormir sem ter despertador enchendo o saco, apenas dormir e acordar alinhado com o seu próprio tempo, de acordo com o seu descanso noturno.

Ah, eu durmo muito, não sei o que eu tenho, mas eu sou aqueles ursos, que come muito e dorme demais, nesse sentido torna-se uma desvantagem, por que, como gosto de estudar e faço isto com certa regularidade, desde que descobri a beleza que é o conhecimento, acabo perdendo algumas horas, por outro lado dizem, que dormir é necessário, a ciência principalmente a neurociências diz, que quem dorme muito é por que tem mais neurônios, se for isto, perfeito então, devo estar cheio deles, quanto mais neurônios, maior o número de ligações e sinapses. Não obstante, é tão difícil acreditar nas ciências hoje em dia, principalmente as que falam de genes e do sistema nervoso, tá parecendo área de humanas, só tem bobagem. Esses dias eu vi um artigo escrito "Sabemos por que você é de esquerda ou direita, a genética descobriu o cromossomo", Jesus Cristo, daqui a pouco vão dizer que um núcleo tem lesão e o outro não, por isto escolhemos um lado e não o outro, e consequentemente diremos que um lado é bom e o outro não, decorrente disso teremos ainda a medicalização "Vire de Direita-lazaplatina" "Vire de Esquerda-zanoplan".

Não entendo, a todo instante a ciência se fragmenta, Freud um gênio conseguiu, juntar a nosografia da psicopatologia, aspectos biológicos, a concepção antropológica do que é o ser humano e a concepção filosófica de indivíduo, destruímos a junção e principalmente a psiquiatria, quando esta, estava em seu auge e voltamos para concepção fragmentada de tudo, ou é apenas biológica a doença, ou é fisiológica, ou é social, ou é individual. Eu fico atônito com tais

concepções, não existe mais a perspectiva de dizermos que a doença mental se origina por conta de um conflito psíquico, pode ser que se origine, mas não são todas, tem um aspecto cultural, social e biológico, tudo influencia o ser humano, não adianta ficarmos na posição de que é apenas um aspecto, isto não é ciência, mas sim a simplificação do ser humano e da realidade.

Veja os escritos de Freud, que são neurológicos, antropológicos e sociais, ele teve que fazer essa inversão, da mesma forma o Jung, que teve de andar por todas as outras áreas, para entender o ser humano na sua completude. Estamos fadados ao espírito da época, essa erva daninha grotesca, que nos faz querer apenas lucros rápidos e, portanto, estudar menos, eu prefiro compreender o todo.

Veja essas mesas a minha frente, não precisaríamos de empregados para limpá-las, mas ainda sim precisamos, o Brasil é o único país que tem varredores de rua financiados pelo estado, simplesmente por conta da sua herança cultural escravocrata, ao invés do indivíduo levar a bandeja lá na frente, ele deixa em cima da mesa, por que vem alguém e pega, o que é isso? Pensamento escravocrata, daquele sujeito que enquanto conversava com o compadre nos períodos coloniais e tinha um escravo do lado abanando com uma pena de ganso, aí eles levantavam para ir para outro lugar da casa e deixavam o chá em cima da mesa, aí vinha o escravo miserável e limpava a sujeira, o que fazemos hoje nos shoppings? Nos restaurantes? Comemos Macdonald e deixamos a bandeja lá em cima, aí vem o empregado e limpa.

Veja o quanto de dinheiro gastamos, poderíamos investir em outras coisas, educar nossas crianças e as pessoas próprias investindo em cultura, é necessário saber que alterações culturais são imprescindível, para que possamos alterar não só o sujeito, mas a sociedade em todas as suas esferas, não ser corrupto no Brasil, não é dever moral de cada sujeito, mas sim uma obrigação, ele se sente obrigado a ser justo, e não pelo fato de que ele se sinta mal com o que faz de errado, ele faz simplesmente por conta da coerção. Que nem dizia Kant "Quando agimos obcecados e por necessidade, somos escravos do próprio corpo, e portanto não homens e sim bichos", deveríamos ter um pouco de amor próprio, brio, dignidade serve e faz bem pro humor. O shopping me parece um lugar de desigualdade social, não sei por que, mas é o que eu sinto, sempre quando passo por aqui, aliás eu nem passo tanto vezes, simplesmente pelo fato de que não gosto de shoppings. Tem tantas coisas mais interessante a se fazer, eu gostaria de encontrar alguma graça, nas coisas sem graças que as pessoas gostam. Tenho um gosto diferente, só é uma pena não ser tão refinado. Eu posso falar sobre qualquer coisa que me vier no pensamento? O que passa em minha cabecinha e não deixa de me perturbar, é o fato de ser um tédio escrever, quando simplesmente já não se tem muito o que falar. Infelizmente estou com poucas palavras no momento. Estou lembrando do meu quarto, minha cabeça nunca para no presente, estou sempre viajando por outros caminhos, por outros lugares. Ultimamente tenho vontade de ser tudo, fico pensando que a vida é curta para ser tudo o que quero ser. Queria viver cento e cinquenta anos, nossa! Agora que eu disse isto, fiquei imaginando se não seria doloroso demais, tanto tempo de

vida, mas para que tanto tempo? Eu iria ler todos os livros de literatura, isto é, os clássicos... Literatura francesa, alemã, espanhola e etc. Mas também iria ler, toda a filosofia e sociologia, desenvolveria teorias e escreveria livros... Eu escrevo livros, no entanto sou um mero principiante, não tenho intenção de publicar nada, o que eu quero é aperfeiçoar a minha escrita e encontrar um estilo único, como Fernando Pessoa ou João Cabral de Melo Neto, ambos são fantásticos. Comecei a ler Voltaire um de seus romances filosóficos chamado De Candido ou do Otimismo, a novela que passa na globo é inspirado nesse escrito de duzentos e cinquenta anos atrás. Tinha uma coisa para falar, odeio quando esqueço o que quero dizer ou quando perco uma palavra crucial para a formação da assertiva.

Ahh!! Lembrei o que eu ia dizer, é tão bom quando volta ao pensamento a ideia esquecida, é como se fosse um alívio rememorado. Mas enfim, é o seguinte. É tão bom conversar com pessoas que se interessam pelo o que nós falamos e deem atenção as nossas falas, mas quer saber o que é o melhor ainda? É quando a pessoa é do sexo feminino, mulheres, mulheres. Embora saibamos, que nem todas são interessantes, não obstante tem algumas encantadoras, alguns dias atrás conversei com uma e foi encantador, apesar de eu não ficar perseguindo garotas, pelo fato de achar que não seja o momento certo, as vezes sinto falta de uma companhia feminina. Eu queria dar uma relaxada apenas, deitar debaixo de uma árvore e ficar ouvindo algumas baboseiras, ouvindo palavras que não sejam puramente destinadas a querer persuadir ou encantar, um bom exemplo para ilustrar o que, quero dizer é: apenas gostaria de ouvir alguém do sexo feminino fazendo associações livres, o pensamento puro, o que vier a mente, se quiser manifestar-se sobre as folhas tudo bem. Ou sobre as raízes das plantas, da grama verde, o que seja. Relaxamento. Esta imagem que acabei de pronunciar confortar-me, eu me imagino em um lugar assim, agora acabei de lembrar da minha anima. Acredita que eu tenho uma amiga imaginária? Sim, eu converso com ela, ou melhor, conversava. Antes de dormir sempre fechava os meus olhos, e ela aparecia, a primeira vez que ela me apareceu foi em um sonho, que ela era abusada, dias depois passamos a nos ver constantemente, mas que a verdade seja dita, ela é linda.

Muitas coisas são lindas, pessoas são lindas quando querem, as vezes sem querer são também, outras forçam para ser feias e outras apenas o são e nem tentam mudar. Meu tempo se esgota, minha vida escorre por entre dedos, me aproximo da morte, a cada minuto que se passa, e cada instante que se vai, pertence ao desconhecido e nada pode retirar do perecimento o que propriamente é seu, ou seja, tudo.

Observação Nº 6: Sala de estudos.

Os grupos se reúnem na sala de estudos, os indivíduos que estão só, na maior parte estão acompanhados de seus laptops. Os que se reúnem em bando discutem temas académicos, no entanto alguns utilizam a sala de estudos, como uma espécie de cyber café, onde compram alimentos, como refrigerante e bolacha e consomem utilizando o Wi-Fi, não apenas com fins, ao acesso de informações restrita ao campo universitário, mas sim, para jogar online, o acesso a internet promove um agrupamento de pessoas que se estabelecem no local, não apenas para estudo, mas para discussões mundanas, é percebido isto, exatamente pelo vozeiro, as gargalhadas. O ambiente tem como equipamento o ar condicionado, mesas com até seis cadeiras e internet, um lugar perfeito para o proliferação da não estimulação educacional.

Grupos constituídos, agem lentamente em direção a seus propósitos, o que dificulta o aprendizado. Se pode concluir evidentemente que o ambiente não tem os arranjos necessários e até mesmo coercitivos, um exemplo é que não há placa de silêncio, em compensação placas de "não fume" há oito, o que evidencia que talvez, este lugar, foi livre para se fazer o que quiser, até mesmo fumar.

A prostração é evidente a acomodação também. Pode-se afirmar com isto, que o ambiente não foi projetado a induzir aos estudos, promove menos isto, do que outras coisas, por exemplo a futilidade. O que é complicado, pelo fato de que a minoria que está em silêncio ao meio dos livros, se incomoda uma hora ou outra, tendo de se retirar do único local que é aberto até a noite e que foi projetado idealmente com o propósito de se estudar.

Pode-se inferir que a biblioteca acaba ficando lotada, exatamente por conta dos arranjos, não obstante fecha as 21:00 horas, o que pode se perguntar é: E o pessoal que trabalha o dia inteiro, tem aulas a menos e precisa de um local para estudar, para onde vão depois das 21:00? Questiona-se ainda, se isto não estaria de certo modo, provocando a superficialidade intelectual, o que é contraditório, para uma instituição que tem como fim exatamente o contrário.

O ensino acaba se tornando uma preocupação constante na vida das pessoas, que o querem como um bem, e como uma saída para a vida cheia de adversidades, o único exemplo que posso discutir, é o meu próprio, pois vivo constantemente comigo e nada mais coerente do que eu próprio me conhecer, mais do que todo mundo, seguindo o pensamento lógico, de que claro "eu me estudo", caso o contrário, talvez alguém fosse capaz de me conhecer melhor do que a mim mesmo, mas ainda sim, só nós podemos conhecer a nós mesmos, melhor do que todo mundo, simplesmente pelo fato de que convivemos incessantemente com nosso eu, mesmo que, as vezes havendo uma falta de despreparo e não saibamos como nos expressar, mesmo com isto, em algum lugar se

procurarmos acharemos o que somos, por que só nós podemos tocar em nós mesmos, no íntimo, na crosta de Bergson, que é a intuição.

Seguindo o que eu dizia, eu poderia dizer, que eu compreendo a falta de interesse pela educação, pelo fato de que eu fui um desinteressado, mas eu justificaria isto, pelo fato de que eu não obtive o estímulo necessário, que acarretaria com o seu equivalente lógico uma percepção minha, esta percepção poderia fazer de mim um apaixonado por ciência, já que não obtive tal estimulação ambiental, tardiamente conheci o conhecimento e a sua esplendida capacidade de transformação da realidade, não obstante, eu digo tardiamente, mas diria que mais do que tarde, foi mais cedo do que eu esperava, pois muitas coisas aconteceram, mas por sorte estou aqui.

Eu compreendo quando Aristóteles diz, que o encadeamento perfeito do ser vivo de sua natureza, com a natureza maior é o encontro da felicidade e portanto da excelência e competência das capacidades naturais, no entanto o mundo é confuso e caótico pelo fato, de que as coisas estão desordenadas, as pessoas não estão no seu lugar natural, não se encaixaram perfeitamente com a natureza maior, por este fato, segundo o filósofo, é que o mundo é confuso e babélico, mas raras vezes, em tempos em tempos, pessoas encontram o seu encaixe, e decorrente disto a sua felicidade, por descobrirem uma capacidade adormecida, algo de que gostam de fazer e sentem-se útil fazendo, pois bem, eu não sei ainda, mas talvez eu tenha me encontrado e principalmente a minha natureza de que tanto o mestre nos fala, só poderei confirmar isto, daqui alguns anos, se a natureza que eu penso ter, realmente for legitimada, a partir do olhar da sociedade.

Quem pode saber sobre o futuro? Nossas indagações sobre o presente e as reminiscências a muito já esquecidas por nossas lembranças, mas que o nosso corpo manifesta uma vez ou outra.

Esta sala de estudos nos revela muito sobre cada pessoa, cada ser. Olhando uma garota me lembrei de uma, que quase me apaixonei, oras essa, não irei falar sobre isto. Hmm, me lembrei agora de uma impressão que eu tive, quando fui fazer o meu exame de motorista. No caminho de ida de encontro ao exame, eu passei por uma escola que eu havia estudado a muito tempo atrás e por uma igreja. Foi tão estranha a sensação que tive naquele dia, era como se uma parte de mim, que eu esqueci estivesse ali naquelas ruas, naquelas árvores, na abóbada da Igreja e no seu teto reluzente. Uma nódoa indelével que me lembrava que tempos atrás estive ali, com amigos, indo para lugares, e com objetivos distintos e o melhor de tudo sem saber de nada, do que eu realmente era. Se tivesse o meu ser do passado confrontando-se comigo hoje, o que ele diria? Muito provável falaria que é um absurdo eu ser isto que sou hoje, da onde saiu a minha personalidade? Mas realmente, eu não me reconheço, eu mudei drasticamente, eu diria na verdade que eu apenas passei a expressar a minha natureza, o meu jeito. Uma coisa que eu nunca fizera antes, talvez pelo fato de ser inibido ou estar com "amigos". As vezes alguns amigos dizem o mesmo, tenho um primo que diz que sou irreconhecível. Só quero ver onde tudo isto irá parar... A verdade é que estou vivendo. Simplesmente vivendo... Comecei a fazer algo que todos fazem e querem fazer, não apenas viver,

mas viver com qualidade e com bem estar. É o que na verdade estou procurando, uma vida melhor, dias melhores, por que temos de sofrer tanto? Somos seres humanos e a vida é tão difícil e competitiva, que as vezes não sabemos muito bem o que fazer ou o que dizer, falar, expressar.

Eu mesmo não sei me expressar... Lembrei de algo importante, daqui uns dias irei ir visitar um amigo que há tanto tempo não vejo, ele tomou um passo importante na sua vida, decidiu-se morar sozinho. Oras bolas quem é que faz isto com vinte anos de idade? O mais curioso é que vive em uma mansão que o pai deixou-lhe de herança, é uma casa enorme, como ele deve está? Eu enviei uma mensagem dizendo que precisávamos conversar sobre algumas coisas que nos são importante, ele disse "o que quer falar?" eu falei "o que tiver para ser falado, oras", pois bem, irei na casa dele talvez numa sexta-feira para almoçamos e nos falarmos. Eu fico imaginando que ele deve esta que nem um vampiro, com um cálice na mão, sentado no escuro admirando o pôr do sol por de trás de suas cortinas, pois logo irá começar a sua noite. Vampiros, vampiros. Sempre são elegantes, raramente são feios. Quando irei morar sozinho? Uma vez ele me disse que na mansão dele poderíamos morar juntos, ele queria me levar para onde fosse, mas que nem eu disse eu mudei drasticamente, a maioria dos meus colegas dizem que eu os abandonei, mas o que posso fazer? Eu mudei... O que posso fazer? Posso ao menos descansar? É o que irei fazer agora, saindo deste cubículo, está frio aqui...

Observação Nº 7: Igreja.

São 10 horas e 30 min, cheguei na Igreja e fiquei imóvel por algum tempo, admirando arquitetura, os lustres, as vidraças. Poder-se-ia dizer que fiquei em estado de estupor, não sei o que houve, na primeira vez quando vim aqui não consegui fazer as anotações, pois nesta segunda tentativa também não foi possível. A minha intenção de cumprir com a minha tarefa desfaleceu-se, não que o trabalho não seja importante, mas ele pareceu-me tão insignificante comparado ao local, ao momento, que acabei o postergando, colocando em primeiro plano a minha experiência empírica.

Tinha algumas pessoas lá dentro, mas pareceu que eu estava só, foi a primeira vez que eu encontrei o silencio de que eu tanto falo e procuro. Eu sempre procurei o silencio como uma maneira descobrir tudo que há dentro de mim, não só o encontrei, como o achei objetificado na realidade, naquela Igreja, nessa Igreja.

O que me aconteceu? O que ela tem, que me faz falta? Algo me falta? Fatos como esses, quando acontecem alteram algumas percepções e até mesmo destroem algumas convicções, mesmo que estas estejam fundamentas no mais enraizado senso de razão. Pela primeira vez em um ambiente público, não reparei em ninguém, tinha alguém lá? Eu não ouvia nada, só os meus

pensamentos me circundando, me dizendo coisas que eu não sabia, refletindo desejos adormecidos, pedindo coisas que eu já tinha esquecido. Eu não me lembro nem se eu estava lá, ou se aquilo, aliás eu, era eu próprio. Cisão que me dividiu, fiquei em duas partes, uma pensando o meu corpo e outra sustentando a leveza do meu ser.

Estou do lado de fora, refletindo sobre isso, sentado na calçada, aqui dentro de mim ronda um sentimento de profanação do que é puro, belo e perfeito. Talvez por esse motivo fiquei paralisado, não podia mover um dedo e quando tentei movimentar-me em direção a escrever algo, alguma coisa me impelia e me forçava, como se fosse uma contra-vontade, como se metaforicamente me dissesse "Não tem por que. Não faça, não há de fazer, preste atenção há outras coisas", eu acabei cedendo a esse pensamento e realmente não fiz, e o pensamento estava certo, havia outras coisas que estavam inacabadas, que será necessário futuramente rever o porquê, e descobrir tais motivações, um novo sentimento nasce, brotando, como uma crisálida que contendo a sua larva se autodestrói, mas se autoconstrói ao mesmo tempo que morre, vive. Hoje senti-me dentro de uma crisálida, estava inquieto, morrendo aos poucos, mas toda essa incomodação, na verdade era fluídos de vida jorrando em minhas inervações, consumindo todo o meu corpo, me restituindo a vida, transformando a minha morfologia, minha aparência, me destruindo fui construindo-me até a crisálida desaparecer-se e eu nascer, por meio da metamorfose e da gênese que comporta a destruição.

Pressinto que são tempos de mudanças, e serão bruscas as mesmas, alterações tão profundas que emergirá como rupturas, irrompendo novos fenômenos, estranhos e alheios. Não tem muito sentido o que eu estou dizendo, não sei em que lugar ocorrerá essas mudanças, nem se é hoje ou amanhã, no presente ou futuro. A minha caneta rabiscou isto, algo íntimo que sinto, é o fato de não ter como acreditar em muitas coisas, ou até mesmo achar que algo é verdadeiro. Eu não sei se existe determinismo ou não, não sei se as coisas acontecem por algum motivo ou são o que são, não sei o que nós seres humanos somos, eu não entendo ainda o que é existir e acho estranho seres pensantes, é absurdo o pensar. É absurdo o sentir, o desejar, o querer, o amar, a amizade. Não entendo, não entendo, não sei. Esperar e ver, por que é o que há, mas continuarei nessa busca, na busca de algo que é certo, mas que não sabe-se o que é. Viver.

Nunca fui afeito a religiões, mas sempre acreditei em religiosidade, algo íntimo, sempre pensei em Deus como sendo algo individual e não coletivo, mais ou menos uma coisa assim "Deus é individual, cada um tem o seu", penso que tem coisas que são impossíveis de se discutir, aliás acho que tudo é impossível de se discutir, a não ser que ambas partes queiram chegar a um consenso e não por que acreditam na mesma coisa, mas sim por que tem intenções e percebem que para alcança-la o melhor caminho é o qual se trabalha junto, perceba que ainda sim, não é por concordância, mas sim por outros motivos, por que o ser humano em si próprio é discordante e não aceita e nunca aceitará ser menor, ou alias ser o que ele é, pequeno diante de tudo e fraco diante da

natureza que é corrosiva e destrói tudo. O homem sempre quererá ser Deus, mas nunca será, por que para *sê-lo* há de trabalhar sua consciência e o seu ser, o seu orgulho, o seu corpo, numa máxima perfeição, num equilíbrio que é destituído de qualquer tipo de moralidade "boa", em primeiro ponto há de imperar a imparcialidade, a homeostase se encontra no "real", esse real é exatamente Deus, o alinhamento com a natureza há de ser perfeito, não pode ser humano, mas sim outra coisa, que não pensante e nem instintual, mas os dois em perfeita harmonia.

Essa perfeição de pensamento já foi tentada por muitos sociólogos, filósofos e outros cientistas, no entanto é nosso dever como atávicos, transcender o hiato reflexivo ao qual nos encontramos na contemporaneidade, de modo a reformular as teorias e os conceitos. O que podemos ser além de nós mesmos?

Hoje o céu está cheio de nuvens, parece que há uma tendência a chover, já faz algum tempo que não chove. Os dias são tão desalinhados, calor, frio, calor, frio, explicação esta que não diz muito sobre as variações de clima em frequência horária, por exemplo dez da manhã calor de 27° graus Celsius e a noite 10°, como explicar? A cada ano que se passa o clima varia cada vez mais, está se tornando imprevisível, até mesmo nos calendários de clima e tempo, encontra-se equívocos. Como entender?

Vejo um lagarto passando por ali, correndo suavemente com sua pele incansável que os raios solares não atingem, se perpetuando pelas estradas em busca de alimento, de vida. Caso ele soubesse de que aqui há um mundo, o que falar-me-ia?

Observação Nº 8: Academia de ginástica.

São 19:00 horas acabei de chegar na academia, estou sentando observando esses "monstros" fazendo esses exercícios. A verdade é que estou com vontade de fazer muitas coisas, principalmente estudar, mas quero estudar o que eu gosto. A verdade também, é que essa matéria é enfadonha e insípida (desculpe se o responsável pela matéria estiver lendo), mas isto não retira o crédito e as consequências positivas provenientes das observações.

Gostaria de me corrigir, na verdade a matéria é interessante, o que me faz a percebê-la como desinteressante é o fato de que existem outras matérias que me são mais atraentes, e nesse sentido sinto um desejo avassalador de estar em outro lugar estudando outras coisas, do que estando aqui. Mas fazer o que responsabilidade é responsabilidade, e devem ser cumpridas, tem uma filosofia que diz "primeiro fazemos o que não queremos, para depois fazer o que gostamos" não vejo erro nesse tipo de pensamento, é contundente.

Estou empenhado em alguns projetos, minha cabeça está distante pensando em muitas coisas, é tão bom fazer o que gostamos. Me sinto igual esses caras fazendo exercícios, eles são chamados de "bodybuilding", eles dizem que o que fazem é um estilo de vida e não uma "modinha". Eu também criei um estilo de vida e quero segui-lo como carreira, hoje eu penso que nada mais me importa, do que seguir aquilo que as pessoas têm, mas geralmente nunca seguem "os sonhos".

Estou no caminho certo seguindo em direção a eles, um segredo que me é profundo e que nunca conto a ninguém e quando digo, ninguém compreende, o que quero dizer, é: quero ser pesquisador. Sim, quero ser pesquisador, ultimamente esta área tem me chamado atenção, eu comecei um projeto de iniciação científica e dia 31 de maio sai o resultado, se eu conseguir a bolsa será o momento onde irei colocar em pratica as minhas habilidades como cientista, é lógico que não se compara a um cientista profissional, mas tudo tem o seu início. Isto é uma das coisas que me consome dia e noite, eu estudo, e estou apreendendo diversas áreas ao mesmo tempo, tudo é conectado e eu me sinto no dever de estudar as diversas áreas. Um dia resolvi começar biologia, pois estava fraco nessa área, eu sinto que não tive um ensino de nível e paira um sentimento de que caso eu não tenha os conhecimentos básicos, não poderei competir com os alunos de outras universidades, portanto estou recuperando tudo que não tive. Pois bem, eu comecei biologia, aí me deparei com as moléculas polares e apolares, passei para química, nesta me deparei com os átomos e os seus constituintes, elétrons, prótons e nêutrons e as suas relações de atração e repulsão, tive de passar para física, e nesta me deparei com algumas moléculas orgânicas, tenho de entender isto, agora estou na bioquímica. Para ser sincero, eu gosto de estudar essas áreas por isto estou começando desde do início, pegando todas as etapas, vou fazer parte por parte, igual esses musculosos, treinando músculo por músculo, irei treinar cada parte do meu sistema nervoso e da minha capacidade, quero explorar o potencial intelectual da minha máquina pensante.

Eu quero me tornar um cientista, mas não um qualquer, quero me tornar um cientista digno de ideias novas e produções que correspondam a sociedade contemporânea. Os meus sonhos são altos e isto pode tornar-se um problema, pelo fato de que as vezes desejamos ou queremos muito alguma coisa, só que, no entanto, o desejo não corresponde ou não é equivalente a sua ação na realidade, o que pode gerar frustração. Não obstante, estou ciente com relação a isto e sei que é um dos riscos que devo correr, até por que, o que me motiva a fazer o que estou fazendo todos os dias, é o exatamente o pensamento prospectivo, de que eu poderei alcançar o que eu almejo, portanto são os meus sonhos que me fazem lutar e seguir o caminho que estou seguindo, não são ações fortuitas, sem sentido e direção, mas sim, ideias coordenadas por sentimentos e expressões que emanam de mim, do meu corpo, dos meus pensamentos e que querem estabelecer um lugar na existência e se porem diante da realidade, como todos fazem.

Eu não sei o que pode me acontecer, mas sei ao menos, que não me sinto inútil hoje e que cada molécula de carbono as quais me constituí, não são movimentadas à toa, como a muito tempo atrás era, hoje há sentido, diferente de antes que não havia nada.

Observação Nº 9: Praça de esporte.

São 14:00 horas o espaço aqui é grande, tem um campo de futebol de grama, do outro lado uma quadra de basquete, futsal, voleibol e ao redor há uma pista de corrida. Tem muitas pessoas aqui, elas vão e vem a todo instante. Esporte é algo que deveria ser feito todos os dias ou ao menos regularmente. Fiz algumas corridas hoje, ultimamente estou correndo, venho com um colega meu, corremos juntos e durante as paradas conversamos. Tem algumas pessoas que colocam uns cartazes com o intuito de montar um grupo de corrida denominado de "Grupo de Corrida terapia", faz sentido, pois se for ver os benefícios provenientes da catarse, há de se considerar o nome e os seus efeitos profiláticos contra ansiedade.

Estou aprendendo a correr em tempos em tempos, por exemplo, uma semana eu vou dois dias, na outra eu vou três, não precisa ser regrado, mas precisa ser regular. Eu percebi que não me dou bem com rotinas, são muito rígidas, não consigo fazer a mesma coisa com tanta previsibilidade, tem de ter desvios de vez em quando, momentos que quebram a estrutura estabelecida, talvez isto seja coincidente com a minha forma de pensar, que a todo instante se altera, procurando novas saídas e modos de se pensar o mesmo fato, o mesmo fenômeno, tanto que estou elaborando prática e teoricamente a ideia de um "pensamento flexível". Uma coisa que estou buscando vorazmente, é pensar com competência, creio que poucos fizeram isto. Estou me munindo de conhecimento o máximo que posso, em cada lugar encontro faíscas que me servem e que quando menos espero se tornam a chave de um determinado enigma, que eu não soubera ser um labirinto, mas que era sem eu saber.

O sol está tão laranja, gosto do sol quando fica dessa cor, principalmente das nuvens avermelhadas. Aqui tem poucas árvores, caso tivesse mais seria perfeito, mas tudo bem, não tem problema eu completo o que resta com o pensamento. Meu instinto humano querendo mudar o ambiente e tudo que toca, como ser mais do que humano? Ou seja, como ir além disto?

Estou aprendendo a entrar na isenção das críticas, já não discuto muitas coisas, a verdade é que eu não me importo com muitas coisas, eu penso nas pequenas coisas que são importantes, um exemplo é a minha família. Eu estou saturado desses movimentos sociais políticos, de esquerda ou direita, feminismo ou marcha dos gays, dos transexuais, marcha dos paraibanos, doa baianos, marchas dos gordos ofendidos, das feias, dos feios.

Enfim, existe marcha pra tudo, eu acho bom tais movimentos, as pessoas estão reivindicando os seus direitos, mas se me perguntarem o que eu acho, eu direi "tanto faz", não é que eu sou antipático ou algo do tipo, é que eu não me importo mesmo, e a verdade é que ninguém se importa, são pessoas defendendo os seus interesses "para os amigos tudo, para os inimigos a lei", conversar ninguém quer ou encontrar um meio de convergência com pessoas diferentes que conversam, que dialogam.

No instante que me encontro essa é a minha utopia positiva, não obstante, prefiro me isentar dos grupos políticos, por que não faço predileção por colegas ou amigos, em minha concepção não adianta viver em um mundo onde o que prevalece é a minha palavra, e não a do outro.

Um pensamento importante é "Se a minha verdade é tão verdadeira, por que todos não concordam?" será que todos estão errados?" pois bem, acho difícil. A pergunta seria "será que estou errado?" e a resposta é "talvez não" mas a questão é, que só poderemos chegar no consenso e encontrar a verdade, naquilo que Habermas dizia "Quando todos em uma mesa, não levantar a mão, e não fizerem objeção sobre tal opção, eis a verdade", o que será impossível, por que o que menos importa é a verdade, a verdade não tem valor, o que tem valor é a satisfação dos desejos, dos impulsos, dos próprios interesses, por este fato e outros, é que não me importo com os movimentos sociais (salvo alguns), e eles também não me influenciam, até o dia que eu morrer, terá pessoas se matando, esposo batendo em mulher, e mulheres submissas a homens, comprovando que nem tudo é "papeis sociais", mas sim que é um meio termo e uma relação dinâmica e complexa, que não se combate pelo mal, tomando as palavras de Ayn Rand "Não se combate o mal, com o mal, mas sim produzindo boas ideias e as colocando no mundo" ela queria dizer, que não adianta combater a ideologia "machista" com a ideologia "feminista", é mentira do mesmo modo, o que alterou? Nada, o que queremos? Instalar a ditadura do proletariado? Ditadura do feminismo? Da tudo na mesma, sai o dominante do seu status, e um outro domina, sai o oprimido, entrando o opressor que antes era oprimido, e o opressor se torna vítima. O que falta nisso tudo? A convergência. Conversar e entrar em acordos, encontrar uma saída juntos.

Eu sou discípulo de Habermas quando diz da ação comunicativa, ou da ética da comunicação, enquanto não houver esta, não poderemos conviver, ele é um sociólogo muito desacreditado, seus críticos dizem "Isto nunca vai acontecer, quando isto aconteceu?" ele fala "é verdade nunca aconteceu, mas eu acredito nisto, e você acredita no que?" Eu também vou pelo caminho da comunicação, pretendo conectar os polos divergentes, nós verbalizamos algumas coisas, mas ainda não sabemos pensar e muito menos comunicar-nos, há de se pensar e de estudar muito, estudarei, talvez um dia eu chegue lá.

Observação Nº 10: Hospital Psiquiátrico

São 14:00 horas e eu estou no hospital psiquiátrico. Nunca pensei que entraria em algum em minha vida, é tão estranho estar aqui que me dá calafrios. Tal lugar me lembra muitos filmes estritamente relacionado com o tema. Fiquei pensando o quanto o psicólogo pode ser um bom profissional se compreender as relações linguísticas (o qual é o seu único instrumento de trabalho e de transformação). No entanto, isto é uma desvantagem, que tanto deixa a profissão numa espécie de vulnerabilidade, como também pode ser um bálsamo, quando tal característica é utilizada adequadamente. Me pergunto constantemente se serei um psicólogo a altura em corresponder as minhas demandas, será que conseguirei tirar um só paciente da lama? Mesmo que seja só um, já seria suficiente, talvez com isto prova-se a mim mesmo que não sou tão incompetente como penso ser, um modo talvez de provar que tudo que estudo é necessário, e não inútil como muitos pensam, posso assim servir e beneficiar outra pessoa com os meus serviços, ou talvez descobertas, quem sabe eu não me torne um pesquisador.

Ultimamente algumas coisas tem me incomodado, algumas preocupações com o futuro, aquela coisa mais ou menos "será que conseguirei?" Sabe? Preocupações como estas se tornam constante em meus pensamentos me tomando diversas horas, até dias. Sentimento do mundo e da realidade que não sai do meu peito, que a todo momento me traz de volta ao cotidiano me dizendo que a minha vida é "aqui e agora" que tem inúmeras possibilidades, eu vislumbro todas perspectivas e sinto "ideias" obscuras que eu não sei o que são, mas que contém um segredo que só eu posso saber.

Às vezes é como se pôr de trás de tudo que eu conheço, houvesse alguma coisa a ser descoberto, é como se a todo segundo eu estivesse correndo atrás desse "algo", e quanto mais eu me aproximo, eu me perco no ritmo e essa coisa se distancia de mim. Percebo eu, que toda vez que me aproximei dessa coisa, foi por meio do conhecimento, portanto este se tornou uma motivação constante na minha vida, como um modo de alcance daquilo que eu sei, que só posso encontrar em mim, eu sinto profundamente que está lá em algum lugar, e que o conhecimento é o caminho mais eficaz para que posso encontrar isto, esta ideia, este pensamento, este ato de pensar, que pode ser muitas coisas, ou talvez apenas um sentimento e mais nada. Para ser sincero, eu sinto que isto sempre esteve comigo, mas nunca pôde senti-lo de forma plena, agora que estou encontrando caminhos, brechas, lacunas em meu pensamento, estes vendavais ocultos se mostram de maneira tal, que tenho a intuição de que terei de pensar muito, até encontrar, isto que desconheço, que me é tão íntimo e só eu sei o que pode ser ou será. Essa descoberta talvez seja algo que todos tenham, mas que ninguém presta atenção ao que pode ser essa semente, que não cresce, mas tem tempo de despertar.

Tem momentos que penso que ficarei louco, eu fico pensando "eu posso isto, posso aquilo", isto é bom por que são sonhos e devaneios, aí me deparo com a realidade e digo "Será que posso mesmo? Será que o meu desejo é equivalente à minha ação na realidade?" Quando Blondel colocou esta questão pela primeira vez, aliás quando a percebi, comecei a pensar nas minhas limitações (ainda não as encontrei) a todo instante tento me aperfeiçoar, estou talhando a minha alma como uma escultura, tentando encontrar a perfeição do pensamento, onde possa haver aquilo que denomino de "pensamento flexível e sofisticado", que são maneiras de se pensar a realidade por uma perspectiva não enrijecida, mas sim flexível, conforme a realidade e as suas nuances inerentes, o pensamento não é constante, é cheio de percalços e barreiras, o pensamento que consegue transpor tais limitações e seguir o raciocínio sem comprometê-lo, mas ao mesmo tempo seguindo a sua lógica inerente, sendo fiel estritamente a realidade e sem interferência das próprias predileções, talvez encontre alguma coisa que ninguém encontrou, pois todo o pensamento construído "científico", houvera pouca isenção das próprias características do construtor ou seja do autor. Tal tempo, espaço e limitação quero transpor, sendo fidedigno com a natureza, entenda-la, mas ao mesmo tempo navegar em seu fluxo contínuo, sem submetê-la a minha ordem, mas estando nela e fora, para percebê-la em dois tempos, o de fora e o de dentro.

É um desejo intenso de ir além, de me aprofundar nas raízes do conhecimento, da subjetividade, será que isto, é o meu refúgio? Ou será o meu caminho a ser trilhado? Eu imagino as vezes a experiência do primeiro homem pensante que existiu, me coloco em sua situação mais ou menos assim "Opa? O que é isto tudo?", veja só, imagina o que ele deve ter pensando? Imagina o quanto ele deve ter ficado impressionado, como se fosse uma coisa "Meus Deus, o que que é tudo isto? O que eu sou?", é tão absurda a ideia do pensamento, dos relacionamentos, eu fico elucubrando as vezes como deve ter sido para o primeiro ser consciente, ter consciência de si próprio, ter noção de que dentro de si, tinha algo que falava, até mesmo o dizer, o se expressar, o seu comunicar seria de grande esplendor e espanto. E mais, e na primeira vez que ele sentiu tesão por uma mulher ou quando uma tribo matou um filho seu e ele sentiu a primeira emoção, o que ele deve ter pensando? Ele deve ter pensando "Quando isto acontece, eu sinto isto e faço isto, por isto" Matam alguém próximo de mim, algo emerge no meu peito, sinto algo que me motiva, a ir atrás da pessoa e fazer o mesmo com ela. Talvez o início das guerras foi por meio disto, uma coisa meia Rousseau, mas este diz que foi a partir da inveja, eu diria que foi a partir do instinto do outro querer o que é o meu e, portanto, me ser agressor gerando desconfortos intensos que provocam reações físicas alucinantes, que me fazem perder por hora aquela coisinha que existia dentro mim e fazia-me discernir o que era cada qual coisa.

O homem primitivo deve ter sido impressionante, os primeiros movimentos gregários, estratégias bélicas, o enfrentamento de animais colossais, por exemplo: mamote. Como deve ter sido tal experiência do homem original tendo consciência de que ele próprio existia, igual quando

nós somos crianças e percebemos que somos alguma coisa, por que agora conseguimos estar fora e dentro, por que percebemos que fora de nós há um corpo e que dentro há nós próprios, como se fôssemos dois, uma espécie de corpo e alma. Com ele aconteceu o mesmo, certo dia ele estava agachado e simplesmente houve uma epifania, euforia, por que ele via, percebia. Quando somos pequenos não vemos nada, até chegar aos 5 e 6 anos e passamos a perceber em miniatura o mundo, na fase inicial ele era como nós na infância. O mais interessante de tudo é a hipótese que talvez em um campo de batalha numa luta feroz com um Auroque (descende dos bois, um animal pré-histórico), ele percebeu que sentia dor e sangrava...

Agora penso eu em minha cabecinha, e estes doente mentais? Qual foi o primeiro esquizofrênico na face da terra? Mais interessante ainda, eu imagino a experiência de delírio, de vozes, a manifestação no corpo de sinais somáticos e alucinação auditiva, deve ser um terror e mais ainda um mistério, por que não sabemos o que é o pensamento e nem o porquê do mesmo, por que existe? A ciência não sabe. A questão que me faço é, o que realmente são os doentes mentais? O que é tal experiência? O que é sentir-se num corpo rotulado como um "mal" social. A ciência das doenças mentais ainda é um mistério e me encanta, puramente pelo fato de que há muitas coisas a serem descobertas, puramente pelo fato de que o ser humano é uma caixinha de surpresas, o que será da ciência daqui cem anos, será que iremos ultrapassar Freud, igual a cem anos atrás e seremos o Freud do presente? Eu gostaria de viver até lá para descobrir e estudar muito. O que será um doente? Uau, como isto me deixa extasiado, eu sinto deleite por este assunto...

Mas enfim, não há mais tempo, aliás não há mais tempo hoje, me despeço aqui com muito apreço por esta observação e este belo dia que me fez refletir sobre muitas coisas e que inevitavelmente alterou as minhas convicções radicalmente, eu diria até que "ainda bem" o ruim seria se não altera-se, mas que seja essa, a função do sistema nervoso, de se utilizar do que é necessário e descartar o inútil, isto é o sinal de um bom funcionamento, o contrário é um sintoma de inércia mental.

Observação Nº 11: Posto de saúde.

São 16:00 horas e tem crianças correndo por todos os lados, é absurdo como gritam, elas correm se jogam no chão, tem uma com remela no olho e com o nariz sujo, acho que ela nem percebe que está toda suja, mas é perceptível o sorriso intenso e largo que ela explana com os seus colegas remelentos.

O atendimento aqui parece ser lento, tem muitas pessoas sentadas aguardando e esperando a morte chegar. Enquanto a morte não chega, elas esperam um "agente da saúde" para lhes dizer o que é bom. Não obstante, os médicos oferecem remédios, e é incrível como nem se preocupam em

olhar nos olhos dos seus pacientes, uma vez eu passei por aqui com um deles, ele estava cabisbaixo, nem se quer olhava para cima, enquanto escrevia ia fazendo suas perguntas objetivas, após terminar de escrever, sem ao menos me tocar ou olhar nos meus olhos, me deu uma receita médica com um fármaco qualquer, tão pragmático era, que antes de terminar de prescrever já tinha dito para levantar-me e eu pensando que ele iria me examinar, ele disse "é isto, até mais".

Mas fazer o que, esses indivíduos têm mais de cem pacientes para atender, embora saibamos que quando nos comprometemos com determinada profissão, temos que zelar por ela própria e não perder o gosto pelo ofício por conta da remuneração. A remuneração deve ser sempre secundária e o atendimento primordial, puramente por que estamos tratando de um ser humano e não apenas de "partes de um organismo" o que é muito comum hoje é os médicos perceberem os pacientes como "células". Talvez um dia eu possa compreender um pouco melhor esses profissionais, quando estiver com os meus pacientes e estes forem inadimplentes, como irei lidar? Lidarei da melhor forma possível, não esquecendo o que somos e do por que sermos.

Quando esses médicos escolheram a profissão eles pensavam o que? Em salvar vidas? Salvar a humanidade? Ou simplesmente fizeram por que era o que tinha de fazer, por que os pais mandava ou por que na época, só tinha três graduações *direito, engenharia e medicina*? Sabe-se lá o por que escolhemos muitas coisas que aderimos, o senso que eles tinham pouco existe hoje, digo o senso de beneficiar outras pessoas, a nossa moralidade capitalista é individual, tornou-se uma virtude pensar em si próprio, essa é a atitude do "empreendedor", o sujeito que investe em si mesmo como um modo de produção, então quanto mais ele tiver e mais obter, mais satisfeito estará, por que a satisfação é a dos próprios interesses, com isto o indivíduo sente-se no direito de conquistar o que quer, custe o que custar, indiferente se o que faz compromete o outro ou não, isto é uma questão puramente ética que deve ser discutida minuciosamente.

Teve épocas que falar sobre o interesse pessoal em detrimento da cidade, da comunidade era atroz, hoje subvertemos a lógica de maneira aberrante, tanto que o sujeito se sente legitimado em cumprir com o ato ilícito e defendê-lo até as últimas consequências e garanto que quem desvia verba pública não sente-se mal por isto, muito pelo contrário, ele dorme a noite muito bem, por que tem certeza que o que ele faz, todos fazem, por que querendo ou não, todos estamos "investindo em nós mesmos", é o normal, é o que todo mundo faz do ponto vista da sociedade contemporânea e quem não faz isto, não está sendo fiel ao espírito do capitalismo, que é investir para que assim possa competir e ganhar de forma mais eficaz. O interesse tornou-se critério para tudo, inclusive critério moral.

Será que terei de fazer o interesse critério de minhas relações? E por que não faria? Se estou dentro da sociedade e as relações se dão pelas formas que estão estabelecidas, igual dizia Balzac "Quando entramos em um jogo de cartas, não escolhemos as regras. Pois bem, na sociedade é a

mesma coisa não escolhemos as regras elas já estão postas, que entremos no jogo." Terei de entrar no jogo? Mas já estou nele algum tempo e quem não se enquadra perde, é massacrado.

Este lugar está começando a ficar cada vez mais cheio, pessoas ficam de pé, o ar é sufocante, as crianças gritam cada vez mais, o estresse nesse ambiente é perpétuo, nas pessoas começa-se a gerar uma ansiedade de ir embora, outras se irritam, outras reclamam pelo atendimento não ser tão agradável quanto poderia ser, uma constante insatisfação com o que temos começa a ser eternizado.

O que se faz quando tudo parece estar perdido? Ou quando não tem saída? Desistir ou descontar em outras pessoas? Não tenho resposta para isto, talvez o tempo me ensine, mas ainda tenho milhões dúvidas que não consigo responder e que me inquietam e não me deixa dormir por pensar tanto.

Uma coisa que lembrei e que é interessante, é como as vezes as sensações são passageiras e como algumas outras coisas nos fornecem estímulo. Uma sensação que estou sentido ultimamente, é aquela "estou no caminho certo, é por aqui", é tão bom as vezes sentir-se bem consigo próprio. Estou dizendo tudo isto, por que me animei, tem momentos que parece descer uma penumbra que obscurece tudo e nós faz perceber a realidade um pouco fantasiada e até mesmo nos retira de dentro de nós, por um instante tudo aquilo que planeamos a vida inteira em certas situações, resolvemos desistir, como se não houvesse um passado, uma história com relação a tudo que se foi. Tempos depois recaí novamente o ressentimento "O que estava fazendo? Como é possível?", por que somos assim? A ponto de abandonarmos a nós mesmos, a nossa identidade, simplesmente por um momento, por uma emoção momentânea nos deixamos levar, elas nos fornecem tanta satisfação, uma apoteose única e singular que experimentamos de vez ou nunca.

Todavia o que são as fantasias? Os desejos? Para ser sincero esses dias me são estranhos, desperta-se em mim alguns sentimentos latentes. Uma coisa que preciso dizer, é que me sinto leve e com vontade de correr, estou pensando em fazer isto hoje, talvez amanhã ou quando der tempo. O que importa é dizer que estou me sentido em duas vidas, como se de um lado eu fosse recomeçar e do outro, como se pudesse continuar em frente e seguir. É uma sensação curiosa pelo fato de que estou no meio, posso escolher... Sigo em uma nova vida com surpresas e desavenças como toda novidade é, impossível não haver algum tipo de frustração, o que não faz com que deixe de ser muito atraente e tentadora a oportunidade. Por outro lado posso seguir no caminho já trilhado e continuar da onde parei, sentido esta sensação física de quem não se alimenta a um bom tempo, mas que é deliciosa, o prazer de leveza, me sinto como se pudesse correr ao infinito, mas que vontade de dar uma corrida, correr o máximo que o meu corpo suporta e na velocidade última da minha estrutura, gastar os pulmões gerando ar, sentir o cheiro de sangue após uma longa corrida, a boca seca, o coração em ritmo acelerado... Sensações... Sensações.

Preciso planejar muitas coisas, pensar de forma coerente, organizar a minha vida, entender os meus desejos e o que eles são, se são reais ou apenas passageiros, entender o que é meu e o que é do ambiente, e principalmente o do por que, tais sentimentos nascerem justamente agora e são legítimos para que eu possa acatá-los ou não?

São 18:00 horas e eu termino o meu relato aqui, deixando em aberto a temática da vida, das relações, por que isto nunca é um assunto que termina e se terminasse seria um absurdo, puramente por ser inesgotável.

Observação Nº 12: Centro da cidade de Valinhos

São 10:00 horas e esse comércio é chato, me dá enjoos, não gosto do mercado de trabalho digo por que já trabalhei. Pra falar a verdade, não gosto de liderança ou que me liderem, mas aos poucos estou apreendendo a lidar com essa faceta. "Não preciso de guias", foi sempre uma impressão que tive, as pessoas sempre são mais ou menos submissas umas às outras em qualquer tipo de relação, e isto não é específico do mercado, mas sim das relações humanas gerais. Meus Deus! Só posso estar com cheiro de alpiste, pássaros e pássaros me rodeiam desde da semana passada.

Até parece que não me veem, será que não percebem quem sou? Sou ser humano filho, acorda! Sou o topo da cadeia alimentar, lhe mato facilmente, não sinto pena e como sua carne. Sou o mais terrível dos seres que permeia esta terra e já percorreu os séculos, meu poder de destruição é incalculável, substituo pessoas ao meu bel prazer, sou capaz de te amar como Deus o amaria e até mais do que ele, e por outro lado te fazer insignificante no mesmo instante, te fazer não ter nenhum valor e mostrar que nada e ninguém é especial, nem mesmo pessoas, a minha frieza é tão apática e mórbida, quanto o gelo da antártica do norte e a minha indolência se parece as montanhas rochosas, indiferente, mas perfeita. Sou uma dádiva feita da mais sublime frieza, talhado no gelo, desenvolvido no frio, na insensibilidade, minha formosura divina, esses olhos caídos, tez pálida, rosto fino, os cabelos encaracolados que tanto crescem começam a incomodar as minhas pálpebras, o que pode haver mais do que a mim próprio no universo? Se todo o frio que sinto, se todo o frio que sou, é o universo. O microcosmo que sou não é nada comparado ao meu ego, que é mais do que Deus, por eu ser ele e tudo o que sobra.

Os líderes sempre são diferentes, destacam-se por sua singularidade e por não serem massificados. Eu devo estar com problemas por que acho que esse pássaro olhou nos meus olhos, está me desafiando? Talvez para saber quem é mais autêntico? Gosto de desafios principalmente quando estes me põem em testes, o que descubro sempre é o quanto sou imprevisível, não tenho

padrões, aliás o meu padrão é a imprevisibilidade, apesar de ser um padrão não previsível de cálculos de previsibilidade.

Não confio em animais, eles têm intenções é fácil notar suas audácias. Pra falar a verdade, os seres humanos, salvo alguns são bem banais e pouco complexos. É fácil analisar os seres humanos, eu forneço não mais que cinco categorias de análise, colocada estas, posso analisar a maioria deles. Se você vê um cara xingando alguma menina sem motivo aparente, se a garota for bonita é provável que o cara seja feio e tomou um fora, então difama a garota por conta do seu fracasso viril. Por outro lado, se for uma menina que chama um homem de bicha, é por que ele deve ter dado um fora nela ou chamado ela de feia. Por outro lado, meninas que xingam meninas, e tem uma fixação constante na outra, ou é por que é feia e tem inveja da aparência da outra, e grita aos três cantos do mundo que a outra é burra, (por que tem que ser burra), pois não pode ser bonita e inteligente por que se for é um caos. Agora se for bonita, inteligente e simpática é de morrer.

É interessante por que não precisa de psicanálise pra analisar a mediocridade, você começa pelo simples, pelo básico: Inveja e Preguiça, eis o ser humano médio.

O ideal seria existir pessoas profundas a cada esquina, mentira, devia não. É melhor o mundo como ele é, pessoas medíocres e banais. Os seres complexos estão escondidos, em lugares desconhecidos, ninguém sabe onde estão.

Avistei agorinha um homem do meu passado, da minha adolescência, sempre quando me deparava com ele nas ruas da cidade, ele dizia um "bom dia" alegre, eu nunca vi a expressão dele mudar, o que ele sente? Eu tinha avistado uma garota assim, ela cumprimentou-me, mas sabe essas pessoas iluminadas e não bobas? Pessoas que você sente o corpo exalar alegria, como essas podem ser assim? Eu queria conversar com uma pessoa dessa, só pra entender como experimentam a vida, é muito provável que não conseguissem explicar-me, simplesmente pelo fato, de que pessoas felizes não sabem que são, todos percebem eles, mas eles não percebem a si próprios, por que apenas sentem. São totalmente divergentes da massa ignóbil.

Me sinto bem, não obstante algumas coisas me perturbam, o que é comum. Tem coisas que só se concluem com as mãos do acaso. Essa teoria do Hegel é coerente e lúcida, sabe? Das transformações terem uma lógica inerente a elas, portanto necessárias aos fatos, sendo ocasionadas por intermédio da racionalidade absoluta, tudo deve acontecer, só alteram os sujeitos, se eu não fiz hoje, alguém fará amanhã.

Por hoje está bom são 12:00 horas. Adeus, para nunca mais voltar neste tempo e momento, e adeus a mim e boas-vindas ao meu novo eu, que já é uma lembrança.

Observação Nº 13: Saída da escola.

São 12:00 horas estou na frente da escola, tem muitos alunos e eu estou sentando em um banquinho os observando, aqui perto tem uma outra escola, chamado Objetivo e Fundamento.

Como eu me sinto? Tenho muitas coisas para refletir hoje neste papel, desde do começo do semestre venho fazendo esse diário semanal, o que no caso para mim está sendo de grande ajuda, pois acabou se tornando um meio de contato comigo mesmo. Muitas coisas me fizeram refletir e diversas outras alteraram o meu pensamento, é difícil de escrever sabendo que alguém estará lendo, mas que seja, portanto que caia nas mãos de um professor que nunca mais verei não tem problema, do mesmo modo, que se eu escrever e depois quiser suprimir não iria adiantar, pois não irei fazê-lo não terei paciência de ficar alterando e retirando partes e inventando outras, portanto é melhor expressar o que deve ser expressado, ao menos nenhum dos meus colegas iram ver, o que no caso seria insuportável olhá-los todos os dias sabendo que todos sabem algo de mim.

Mas a questão é que estou alterando a minha personalidade constantemente, de uma forma absurda, eu tenho tantas coisas dentro de mim, tantos desejos, sonhos e ideias. Minhas ideias me surgem tão reais, todos os lugares que vou começo a ter epifanias, descobertas me surgem no pensamento, que começam se conectar umas com as outras, eu não consigo dar conta de tantos sentimentos bons ao mesmo tempo. Às vezes eu sinto que eu poderia falar muitas horas com alguém sem parar, expressando os meus conceitos, que tenho em mente. Eu percebi uma coisa ultimamente, que toda a ciência está interligada, não é separada em grades curriculares igual recebemos nos cursos, percebi que muitas coisas se ligam umas às outras, e não apenas isto, eu percebi a psicologia na realidade, eu percebi as alterações comportamentais nas pessoas, eu percebi a questão da sincronicidade de Jung, os arquétipos, eu vejo todo instante projeções, atos falhos, processos de identificação, estou conseguindo perceber padrões comportamentais contingenciais e hereditários, está sendo comum eu ver pessoas manifestando repressões em suas falas. O mais importante de tudo, estou percebendo saídas, condições de melhorar algumas questões sociais que me afligem, é incrível as conexões e as relações sociais e suas peculiaridades.

Até aqui tudo bem, mas o que está me afligindo, é que percebo que não estou conseguindo manifestar o meu máximo. A verdade é que estou insatisfeito, por que eu percebo que eu poderia atingir um nível maior de complexidade do meu pensamento, mas eu não tenho os instrumentos necessários, que no caso seria, mais estudos. O fato é que minha condição socioeconômica nunca foi boa, eu conheci o "mundo dos pensamentos" a pouco tempo, não menos de um ano, quando por algum motivo (que eu não sei qual) simplesmente, eu me percebia namorando a ciência, olhando-a de outra forma, é tudo tão perfeito. Eu gosto de falar de ciência, das relações sociais, de filosofia e sociologia, me deixam extasiado e eufórico.

Esses dias atrás eu passei aqui em frente desta escola, é a mesma que eu estudei, agora eu fico pensando, por que eu não tinha interesse pelo o conhecimento? Eu não sentia nada pelo conhecimento quando sentava na sala de aula. A verdade é que a escola matou a minha curiosidade ou melhor, empurrou-a pra debaixo do sofá, mas agora estou aqui, sentindo-me curioso, e querendo entender tantas coisas ao mesmo tempo. Parece que essa voracidade latente dentro de mim não cessa, não me deixa, eu não sei de onde vem tanta vontade de tudo, de querer, de poder, de apreender. Eu não entendo, eu não me entendo, eu não sei o que tem dentro de mim, que me faz sonhar com letras durante o sono, que me faz sonhar com fórmulas bioquímicas, nos meus pensamentos esses dias atrás enquanto dormia, eu sonhei a noite inteira com modelos epistemológicos em ciências sociais, o meu sonho por meio de decodificações ficavam refletindo processos pelos quais, eu convertia a psicanálise em uma ciência da sociedade, no meu sonho eu empreendia processos quantitativos e qualitativos de análise, nossa!! Eu acordei tão cansado esse dia, parecia que eu não dormi, mas sim que fiquei trabalhando a noite inteira, aliás os meus pensamentos ficaram. É tanto desejo de entender melhor, de compreender melhor. Uma outra coisa que é incrível é que eu não sei mais, quem eu sou, pois eu não sou de nenhum lugar, mas de todos. Eu me identifico com a literatura, com a poesia e no outro dia estou estudando física, porque? Eu não sei o que é tudo isto, parece que pelo fato de eu sentir ter perdido algo na minha vida, eu esteja fazendo um processo compensatório. Uma coisa muito importante sobre mim, é que eu sinto que a minha vida só começou aos 19 anos, hoje eu tenho 20, faz mais ou menos um ano, antes disso eu não era nada, não sabia nada de mim, do que eu era, do que eu fui... Mas quando o conhecimento me apareceu, o curso de psicologia, um ano apenas foi o suficiente, o que foi tudo isto? Boom!! Eu quis viver!! Eu senti soprar vida em meu peito, antes eu não era nada, agora eu sentia o conhecimento pulsando, a vontade de conhecer. É uma pena que ela desembocou tarde, devíamos reformular a nossa educação brasileira, quantas pessoas devemos perder por ano que são sufocadas pelo ensino tradicional, que talvez sentem o mesmo que eu, mas simplesmente não tiveram estímulos? É importante tais coisas. Uma coisa que quero esclarecer é que decidi hoje, a partir da visita que tive no hospital psiquiátrico, que me foi emancipadora de diversos aspectos... Sabe quando você entra em algum lugar e sente? E sente que na verdade você é dali, como se reconhecesse tal lugar? Tais pessoas? Eu senti uma coisa incomum, eu olhei para aquelas pessoas, mas eu entendia elas, eu queria tanto sentar junto delas ficar apenas ali... Eu conversava com uma enfermeira que inclusive faz curso na UNIP, nós conversamos tanto, eu consegui me expressar, e consegui desenvolver algumas ideias junto dela e apreender também, logo percebi que o meu lugar é nas instituições, entendendo o sujeito e a sociedade... Uma coisa muito íntima que decidi, que estou pasmo até agora e surpreendido desde de ontem, mas algum tempo já me vem acontecendo, por eu estar fazendo as leituras de Freud e Jung, vendo a área de biologia por conta, e estudando sociologia, é que na verdade eu quero tentar medicina. Eu sei que parece absurdo e louco, mas eu quero tentar, eu fiz o meu cadastro no vestibular, daqui a 6 meses irá ocorrer a prova, na última

vez que eu concorri ao vestibular consegui a bolsa no curso de Psicologia ao qual estou agora, no entanto na época eu trabalhava, hoje já não trabalho e desde do tempo que parei só venho estudando, o que eu preciso é estudar muito as áreas de naturais e tentar... Eu fiz uma promessa a mim mesmo que caso eu não consiga, não me decepcionarei, mas eu tenho que ao menos tentar, por que eu venho querendo isto desde do começo desse ano, Freud e Jung mexeu comigo demais, da mesma forma a visita no hospital psiquiátrico e tudo o que vem ocorrendo, eu penso que eu posso contribuir mais, se eu conseguir ter um pensamento "complexo" do ser humano, eu não quero entender apenas a biologia, mas quero entender o social, as relações familiares em um nível de fazer intervenções sociopolíticas, estou tendo algumas experiências com uma família, que tem um membro, no caso o primogênito com diagnóstico de esquizofrenia (está sendo elucidadora tal relação).

Muitas coisas devem ser resolvidas, devem ser entendidas e analisadas. É muito difícil o vestibular de medicina, é o mais concorrido que existe, mas eu quero seguir em frente e tentar, igual eu quis quando ingressei em psicologia, mas quero ir além da psicologia, quero ir além do que eu sou, do que estou sendo, eu vejo possibilidades de muitas coisas, eu vejo nas pessoas, quando vi o empenho da enfermeira, a forma que ela trabalhava, eu achei tão técnico, não apenas isto, tinha a diretora do instituto, ela era tão competente na forma que se expressava e dizia.

Me questioneei. E eu o que posso fazer? Simplesmente seguirei com os meus objetivos, por que como eu disse, eu vejo possibilidades, já não posso mais parar, simplesmente pelo fato de que isto em algum lugar de mim já estava decidido, o que ocorreu é que de algum modo, isto se manifestou e irrompeu em minha consciência que agora almeja e clama pela realização de muitos sonhos. Eu seguirei, mesmo minha mãe sendo doméstica, meu pai um mero camponês e ambos sendo os meus suportes, me alimentando, me fornecendo tempo de estudo, estudarei e tentarei. Não mais. Apenas seguirei o meu caminho.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO 2º DIÁRIO DE BORDO.

O segundo diário é uma mescla de observação e teoria, nesse período já se utiliza de conceitos para fundamentar os fatos, mas sem perder a possibilidade de fazer inferências, utilizar de opiniões, hipóteses e suposições particulares.

RELATÓRIOS DO DIÁRIO DE BORDO – PRÁTICAS SOCIAIS E SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES SOBRE O LAZER.

Observação N°1: Praça Brasil 500 anos - Valinhos.

Hoje é domingo e eu saí de casa. Vim para a praça 500 anos, que se localiza em Valinhos em minha cidade. Tenho o objetivo de fazer uma observação sobre as práticas de lazer, esta é a primeira observação deste semestre. Lazer? Gostaria de ter um pouco de lazer, ultimamente não estou tendo, minha vida está intensa. Devido as exigências sociais e até por conta dos diversos planos que fazemos em direção ao futuro, se faz necessário sacrifícios que deem origem à um futuro menos cansativo. Os imperativos morais que permeiam nosso cotidiano, induz muitas vezes, algumas pessoas a fazerem esforços hercúleos. O excesso de trabalho produz consequências, ainda me considero jovem, pois durmo muito e estou privado do sono, segundo um estudo:

Acordar mais cedo e a menor duração do sono indicam que o horário de trabalho atua como potente sincronizador e/ou mascarador do ciclo vigília-sono em adolescentes. O fato de ter que trabalhar durante o dia obriga o estudante a acordar mais cedo e isso contribui para a privação parcial de sono, devido à diminuição da duração do sono noturno. As consequências da privação parcial do sono noturno durante os dias de semana podem ser verificadas a partir da maior dificuldade para acordar e da menor qualidade do sono (FISCHER, 2003, p. 981).

Realmente, sinto uma dificuldade enorme em acordar, o meu humor torna-se péssimo, fico menos produtivo, não consigo escrever e o processo de elaboração de pensamento é lento. Daqui d'onde estou vejo dois supermercados, ambos contêm adolescentes trabalhando, isto me é peculiar pois já estive no lugar deles, lembro-me de como sofria dentro daquela rotina massacrante, e o pior

não era apenas isto, mas sim a falta de estímulo que se perpetuava com relação aos estudos, você estando em uma condição de altas horas e de intensa produção de trabalho, você fica literalmente impossibilitado de pensar, veja:

A pesquisa mostrou jovens expostos à exploração do trabalho, tanto no que concerne à remuneração e a condições de trabalho, quanto no que diz respeito aos mecanismos sociais de proteção como é o caso da seguridade, ou seja, os jovens de periferia que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite encontravam-se expostos a condições de trabalho tão perversas quanto a de seus pais.

A vida escolar encontrava-se prejudicada não só pelo desgaste advindo das formas de trabalhar, como também por aquele advindo da formação escolar, nada estimulante e bastante repressora. A descrença e a decepção dos alunos em relação à escola pareceu ser responsável por afastar cada vez mais os jovens da possibilidade de aperfeiçoar a educação formal. Aqui também a escola não despertou o interesse dos alunos, nem pelos conteúdos das matérias tradicionais e nem pelos problemas coletivos, atraindo-os quase que exclusivamente pela sociabilidade com os pares. [...] A concomitância entre trabalho e estudo mostrou a predominância de potenciais de desgaste em relação aos de fortalecimento. Embora os jovens apontassem a inabilidade da escola em promover estímulos para trabalhadores que frequentavam o ensino noturno, ressentiam-se mais da impossibilidade de lazer e da restrição ao descanso e muito mais ainda do insatisfatório desempenho escolar e da indução ao abandono que a rotina escolar acabava por impor (LACHTIM, 2009, p. 185).

Minha vida mudou drasticamente, hoje tenho uma maior possibilidade de lazer, do que antes. O lazer não é apenas uma questão de tempo, mas sim uma questão psicológica, pois envolve um conflito entre o tempo destinado ao trabalho e a concepção de vida do sujeito, se este, quer ou não, uma melhor qualidade de vida. Quando comecei a trabalhar, tinha 15 anos, hoje que é domingo dia dos pais e o dia do meu aniversário, completo 21. Em minha época objetivava ajudar minha família, comecei trabalhando como servente de pedreiro, profissão árdua. No oposto, pairava um desinteresse total pelos estudos, aquela coisa, sabe? Uma família pobre, que reside em uma bela favela, muito humilde, pai camponês, mãe empregada doméstica, em síntese: O ambiente molda o sujeito. Eu já estava sendo circunscrito, para os meus pais era suficiente ter um "filho trabalhador", já era motivo de alegria e com razão, dada as situações às quais eles se constituíram, eu chegando a me tornar um gerente de supermercado ou um bom pedreiro, seria o auge, pois nem isto, ambos tiveram. Não culpo minha família, pois não importa o meu passado, mas sim o que eu vou fazer, com o que o passado fez de mim, diria Sartre (SARTRE, 1997).

Mas é bom pensar nessas questões, é um processo de elaboração da subjetividade. Atualmente não trabalho em supermercados ou qualquer tipo de indústria, que promove ambientes insalubres e rotina de exploração da força de trabalho, apesar de ter estado em tal situação até os meus 19 anos.

Saí de servente indo em direção à repositório e faxineiro de estacionamento, conforme a cronologia fui me sentido humilhado, os sujeitos ali imiscuídos são constantemente convencidos da dignidade de tal trabalho, e é digno, o problema é que ninguém acha ser, imagina se as pessoas tivessem essa percepção, a percepção da real humilhação, de ser explorado mais de 60% do seu salário? Fariam o que eu fiz: Retomei os estudos.

Passei no vestibular, ganhei uma bolsa. Saí do emprego no dia seguinte, nem assinei os formulários de "colaborador se desligando da empresa", só fui embora, este era o meu único desejo, a única coisa que queria. Tive diversas experiências, a melhor contribuição foi o resgate de minha humanidade, tenho uma sensibilidade aguçada com relação ao trabalho escravo e as suas condições, sensibiliza-me demais tal fenômeno. As circunstâncias à que estava, me condicionava a uma existência:

[...] de trabalhadores estressados, apresentando cansaço/exaustão no desenvolvimento de seu trabalho, desapontados pelos ideais não alcançados, realizando mais que uma jornada laboral e/ou tendo mais que um vínculo empregatício para conseguir sobreviver. Ambientes inadequados, atividades mal organizadas, pouca valorização do trabalhador, participação insatisfatória nas decisões, demandas excessivas, baixos salários, realização de trabalho repetitivo, que favorece posturas incorretas, em situações laborais indesejáveis podem favorecer adoecimentos. Se houvesse condições laborais melhores e justa compensação salarial, não haveria necessidade de múltiplos vínculos empregatícios e consequente excesso de trabalho (ROBAZZI, 2012, p. 531).

Os efeitos psíquicos que causam, tal excesso de trabalho e a falta de lazer, são abrangentes. Sentia-me assim um "trabalhador estressado", hoje completando 21 anos, considero minha vida pregressa desprovida de qualquer forma dignidade, nos dois últimos anos, foi uma etapa de pesadelo, que extraio dali apenas a minha humanidade e a condição de sensibilidade com relação ao trabalhador, que merece apoio, pois não é fácil. Viva os meus dois anos, comemoro hoje com a minha família, a minha nova existência, que mudou drasticamente, por conta dos estudos.

Observação Nº 2: Sorveteria.

Estou há alguns passos da sorveteria. Uma ideia me circunscreve desde da noite passada. Estive pensando, que em minha vida nada me foi dado, tudo que tenho até o momento foi por puro esforço. Não vale citar as minhas conquistas, mas creio que as mesmas, não é fácil de se obter em tão pouco tempo. Mas fiquei pensando e voltei aos primórdios de minha existência, percebi que não tive um lar ou um ambiente que promove-se a inteligência e o desenvolvimento cognitivo das

diversas funções do sistema nervoso, como o pensamento prospectivo e a capacidade de linguagem bem elaborada:

Os resultados do presente estudo indicaram que, quanto melhor a qualidade da estimulação ambiental disponível para a criança, melhor o seu desempenho cognitivo. Além disso, o nível da escolaridade materna, medida em anos, apresenta associação positiva com a qualidade da estimulação ambiental recebida pela criança. A escolaridade materna, acima de cinco anos, se associou positivamente à melhor organização do ambiente físico e temporal, a maior oportunidade de variação na estimulação diária, com disponibilidade de materiais e jogos apropriados para a criança e maior envolvimento emocional e verbal da mãe com a criança (ANDRADE, 2005, p. 609).

Minha mãe, sempre foi uma camponesa, nunca teve estudos. Eu não culpo os meus pais e nem seria justo, pois nenhum deles tem culpa. Mas o meu caso, se assemelha muito, a questão de eu ter tido desvantagens educacionais, por conta das condições socioeconômicas e da baixa escolaridade dos meus pais:

A identificação de uma criança de risco pode ocorrer pelo ambiente onde ela nasceu, ou por sua condição orgânica, ou ainda por ambos os fatores [...] atrasos no desenvolvimento infantil, que são fruto de condições socioeconômicas desfavoráveis e baixo nível intelectual dos pais, que aumentam a vulnerabilidade da criança, pois causam subnutrição, privação social e desvantagens educacionais (ZAJONZ, 2008, p. 170).

Quando olhamos para as crianças que desenvolvem-se em um ambiente, onde pais estimulam tais funções, percebe-se a grande diferença nos indivíduos. No meu caso, tive que me desenvolver após os 19 anos e ainda estou modificando-me, por conta deste fato consigo perceber as mudanças ocorrendo, algumas habilidades começam a serem lapidadas, e outras sofisticadas. O problema é que cansa, fazer tanto esforço descomunal para se obter as coisas e só consegui-las quando passar por um Inferno de Dante ou pelo caminho das pedras. Nada me vem de graça, nada me vem por sorte, nada me vem pelo caráter. Posso ser a pessoa mais justa do mundo, ainda sim o injusto é mais feliz do que eu. Como ser justo em um mundo, onde o injusto tem mais felicidade do que a mim? Que faço tudo correto?

A minha neurose é essa. Eu tenho sonhos, desejos que almejo conquistar, no entanto quando vejo as pessoas ao meu redor que ambicionam o mesmo do que eu, chega a ser absurdo os meus sonhos e até mesmo a possibilidade de querer conquistá-los. Indivíduos que foram colocados para fazer o que fazem desde de criança, com o ambiente totalmente estruturado, pais bem estudados,

que os colocaram nas melhores escolas e estão nas grandes universidades, e a questão que fica é, como que eu vou competir com essas pessoas?

Essas crianças, são essas da sorveteria que vejo aqui, com os pais que os trazem para tomar sorvete, que os acompanha na escola, que os leva para sair, ao teatro ao museu, que apresenta as obras de Dante Alighieri, até as de Thomas Mann, eu comecei a ler *Ilíada* de Homero há pouco tempo, essas crianças não, leem desde de pequenas John Milton, Hesíodo, Petrônio ou Lucrécio, eu fui conhecer alguns filósofos greco-latinos, a muito pouco tempo, como Sêneca e Marco Aurélio. Eu precisava de tempo para aprofundar-me nos estudos. Os gregos chamavam de *Hybris* aquele que comete a desmedida, isto é, quer ser mais do que os Deuses, eu me vejo assim. Eu tenho vontade e desejo conhecimento voraz, mas por que tal vontade e tal desejo, teve de começar apenas aos 19 anos? Por que apenas aos 19 anos essa inclinação me foi dada, por que não antes? Se fosse antes, talvez eu já estive-se absurdamente capacitado e inteligente.

Eu tenho ideias, e quero colocá-las em prática. No entanto, não é um caminho fácil e muito menos rápido, Marx para escrever o *capital*, teve de estudar 25 anos incessantemente, fora os estudos prévios deles que já tinha antes e foram mais 10 anos para escrever sua obra monumental. Freud por exemplo, dedicou a vida inteira a psicanálise, desde do primeiro livro denominado *Estudos pré-psicanalíticos*, o autor já contava com uns 40 anos, daí diante o desenvolvimento da psicanálise. Mas perceba, para constituir tudo o que constituíram foi necessário, estudos prévios sobre muita coisa, para depois conceberem suas ciências e descobertas que mudaram a humanidade. A minha questão, é que sinto vontade de fazer o mesmo, não apenas vontade, mas estou fazendo isto acontecer. Ultimamente ingressei na UNICAMP e estou estudando com alguns professores magistrais e desenvolvendo conhecimento com eles, expandido a capacidade de pensamento. Lá é a porta de entrada, para conseguir realizar os meus sonhos, o ambiente no qual estou imiscuído, são de pessoas mais velhas do que eu, são sujeitos com títulos de mestrado e doutorado e pós, os docentes e etc, todas essas nomenclaturas, que no mais não significa nada. O que me importa em tal ambiente, é o ambiente. Pedi permissão para estar com eles, justamente por este fato, pois uma vez ouvi "Queres ser o melhor? Viva com os melhores". É o que estou fazendo, vivendo em um ambiente que a linguagem é diferente, os assuntos são diferentes, pensa-se muitas coisas e as pessoas mais ou menos estão interessadas em estudar. Nesse quesito eu esperava mais, tinha a expectativa de uma efervescência cultural, não encontrei isto. O que encontrei é pessoas, estudando para se profissionalizar, percebi que o conhecimento não é tomado como um modo de vida, mas sim como uma ferramenta para se obter alguma coisa, e que o conhecimento é tomado como enfado e não como alegria. Não vejo os meus colegas com animo, apenas reclamações sobre a bolsa de mestrado que terminou e tudo mais, que há texto para ler e não terá tempo e etc, e etc.

Percebi que esta é umas das coisas que não quero para mim. Quero ser pesquisador apenas e não professor. Quero montar o meu consultório, trabalhar 3 ou 4 horas por dia e no resto fazer as

minhas pesquisas e desenvolver conhecimento. Mas até lá, tenho de desenvolver o conhecimento geral das ciências humanas e naturais, que é o que eu já estou fazendo e ao mesmo tempo, ir desenvolvendo ideias, o que estou fazendo também.

No mais, tenho de recuperar o tempo perdido, o tempo que não tive e que tenho de alguma forma ter. As crianças deveriam ter a mesma oportunidade, o que me deixa mal é saber, que não é apenas eu, que passo pelo o que passo e que muitas outras crianças passam, mas nem pensam no que passam, pois não tiveram nem a capacidade de pensar, é por direito do ser humano pensar, por ser uma habilidade natural, o maior crime à um ser humano é extirpar tal possibilidade sem nem mesmo ele saber.

Observação Nº 3: Shopping

São 18:30 da noite mais ou menos, um relógio na parede me avulsa a visão, me demonstrando ser 18:38, enquanto que no meu pulso, o aparelho fala 18:20, decido escolher nem um, nem outro, mas fico com a opção do meio, que é a alternativa do meu celular ofertando 18:30 horas em ponto e agora 18:31. Sentado estou num banquinho, aguardando alguma percepção inesperada que me faça refletir, por pelo menos 3 páginas que é o mínimo exigido por essa disciplina. Minhas tarefas cotidianas estão me exaurindo e as adversidades da vida me ensinando a viver, se visse a mim próprio externamente ao meu corpo, diria que estou tendo uma vida intensa, não só intelectualmente, mas afetivamente, minha personalidade está transformando-se rapidamente, tanto que percebo as mudanças surtirem. Uma das características que me faz perceber-me assim, é o fato da minha tolerância ter aumentado. Ontem na aula de psicanálise e lendo alguns livros da Melanie Klein (1991) ela diz sobre o afrouxamento do psíquico, quando o ego ou o poder decisório do sujeito se sobrepõe as outras instancias do id e do superego, e numa relação cíclica, o superego sobrepõe-se ao ego, causando agressividade, culpa e reparação. O que ocorre, é a dilatação do psíquico, nesse sentido uma maior flexibilidade na experimentação de novas modalidades de existir e ser, e uma possibilidade de vivenciar, o que antes seria insuportável. A questão não é ser passivo em determinadas situações, mas ao menos se abrir a uma possível tentativa de explorar tal posição, com intuito não de se alocar à ela, mas sim de conhecê-la, se isto for uma necessidade/oportunidade e haver uma afinidade com as arbitrariedades do destino. Mas o que eu, poderia ganhar, sendo passivo em uma determinada relação, mesmo tendo consciência de que me coloco em tal situação não por medo, e que agiria de modo diferente, se fosse seguir as pulsões e os desejos imediatos, estaria sendo coerente com os afetos impulsivos, mas não com a afetividade racional.

Me questionam, se pensei em destruição. Pensei e pensei muito, poderia ter destruído e destruído, satisfazendo-me em minha profana maledicência e sagrado ódio contido, venerado e

latente que possuo, e ainda não expresso. O copo está pela metade, quando se é um organismo adaptável, a cada etapa resiliente ganha-se uma extensão cada vez maior, antes o que parecia um transbordamento, agora parece-me um recipiente não cheio, pois o que determina a ruptura não é quantidade, mas sim a intensidade, enquanto os conflitos forem suportáveis, o corpo torna-se qualificado e tônico, e sua consolidação se faz sucessivamente. Agora, se por outro lado, o embate for maior do que a estrutura geral da personalidade, o indivíduo sai da primeira esfera (ego), concilia-se ao (id) e se utiliza do (superego), exemplos podem ser dados, como: (1) Diálogo conflituoso, o receptor responde as indagações a nível egóico (racionalmente) (há uma escuta analítica e negligência, não há reação, a não ser indiferença). (2) Diálogo conflituoso, o receptor responde as indagações a nível egóico e idiopático, neste ocorre manifestações, do reprimido em consonância à razão, que promove o sentido do afeto represado (há uma escuta analítica, mas o receptor tende a manifestar resquícios de afetos, mas tendo controle da situação, havendo reações pormenorizadas e pensadas, não havendo retaliação do objeto, por ter em pensamento as consequências de sua ação e prezar pela segurança do objeto que o desfere ataques. Aqui é muito comum a tentativa do receptor de evitar o conflito e apaziguar a situação, objetivando reconciliação. (3) Nível idiopático, egóico e superegóico, neste o indivíduo, além de manifestar o que sente, impõe autoridade retendo como ferramenta argumentativa as leis sociais (evidenciando o choque entre o comportamento esperado *versus* a realidade vivida), tendo como intuito diminuir o outro (castração), é muito comum nessas discussões, a linguagem ser precisa e pontual aludindo as feridas narcísicas do outro, as defesas, os pontos fracos, indo direção ao alargamento das chagas e a obliteração de todas as resistências trazendo a tona e fazendo emergir as desilusões e os ideais de si mesmo. A capacidade de resiliência, foi definida por Michael Rutter (1991, em Infante, 1997, p. 10):

Como uma resposta global em que estão em jogo os mecanismos de proteção, entendendo por estes não a valência contrária aos fatores de risco, mas aquela dinâmica que permite ao indivíduo sair fortalecido da adversidade, em cada situação específica, respeitando as características pessoais.

O fortalecimento do ego é primordial, um ego amadurecimento é reflexo de uma condição de incessantes movimentos de ação e reparação, isto é, de circuitos de aperfeiçoamento. Ao menos uma vez, deixei as coisas passarem, apenas deixei. Considerei os pontos de vista, a perspectiva e a situação como um todo, e agi, a minha ação foi a não reação, que por si só já é uma fazer, que traz tantas consequências como o próprio ato de agir. O venerável filósofo Sêneca, considerado estoico grego romano em seu ensaio *Da Felicidade* diz "Onde houver um ser humano, aí haverá possibilidade de fazer o bem" (SENECA, 2009, p.128). Na linha de raciocínio estoiciana, o meu não agir, o "suportar as adversidades do destino", a suspensão da ação é um aprendizado, por que

umas das paixões suscitadas de triunfar sobre objeto odiado, pode ser em concomitância uma vicissitude, um norte ou sul, pois:

Da mesma forma que o corpo deve ser retido em uma descida e ser impulsionado em uma subida, também há virtudes para um declive e outras para a escalada [...] De um lado, deve-se frear o espírito para não escorregar; de outro, empurrá-lo e incentivá-lo vivamente. (SENECA, 2009, p. 132).

A saída é sempre aquela que não causa perturbação e efetive o lazer:

É isso mesmo, prefiro vencer a ser vencido. Desprezo a sorte com toda convicção, mas, se me for dado escolher, escolherei o que me for mais agradável. Aconteça o que acontecer, será uma coisa boa para mim, no entanto, será melhor ainda se for algo prazeroso que não cause a menor perturbação (SENECA, 2009, p. 131).

O alcance da ataraxia só é possível, por meio do afrouxamento do ego, e isto implica em impulsionar e reter vícios e virtudes, sejam em declives ou em descidas. O que Sêneca e Melanie Klein diz coincide, o primeiro nos revela uma prática "do como fazer" e a segunda demonstra as implicações estruturais psíquicas do fenómeno.

Ainda que o conflito e o caos permeiem, tudo torna-se indiferente, pois estou em paz, a minha alma não se recontorce, e muito menos se regoziza pela infelicidade e tristeza do outro, apesar do inconsciente desejar "irrecuperabilidade a todos" daqueles que incorporou de algum modo e repeliu, deixando estes resíduos, os quais uma hora, ou outra irrompe verbalmente, de maneira minuciosa e velada, mas que, com um olhar atento percebe-se as motivações. Mas o homem íntegro não vive de reminiscências e muito menos permanece em condição de "não integração" (KLEIN, 1991), por sua vez Sêneca diz "Qualquer um pode tirar a riqueza do sábio, mas não lhe tiram os bens verdadeiros, por que ele vive feliz no presente e está despreocupado com o futuro" (SENECA, 2009, p. 134).

Nunca houve motivo de incomodo, à um espírito, que de uma perspectiva geral "está em paz", lembrando, que isto não quer dizer ausência de sofrer, uma vez que, a última é condição inerente ao constructo do conhecimento e, portanto, basilar aos adeptos do estudo. Por fim, termino com uma citação do "Monstro" como diria Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* (2007), se remetendo a Sócrates:

Nada... prometi a mim mesmo com mais firmeza do que, não submeter os atos de minha vida à opinião alheia. Joguem sobre mim suas duras palavras. Não pensarei estar sendo injuriado, pois parecem gemer como criaturas infelizes (SÓCRATES apud SENECA, 2009, p. 134).

Observação Nº 4: Comércio/Espaço Hippie/Feira

São 9 horas e o clima está hostil, muito sol e muita pobreza debaixo dessa coroa, para todos os lados me apercebo de alguém sentando a margem da calçada, na sarjeta, sem rumo e direção. Os Hippies têm um estigma, ou estereótipo de serem pessoas da "paz" ou do "amor". Se bem que na verdade, a pregação é sempre diferente do que se faz, pois na época quando desembocou tal movimento, essas pessoas que se autodenominavam "paz e amor", não queriam trabalhar, mas precisavam se alimentar e consumir drogas, se não trabalhavam, furtavam. A minha impressão é que esses hippies, são meliantes, na universidade pública está cheio deles, na UNICAMP vejo vários, um pessoal "mente aberta" ou "revolucionários", por debaixo dessa fachada, encontra-se apenas preguiça e a dependência das drogas. Se dizem "livres", mas que liberdade é essa? Na sexta-feira passada, estava indo almoçar no IFCH, tive o prazer de por coincidência me encontrar com um colega, que é estudante de biologia e faz pesquisas no laboratório da UNICAMP. No entanto, antes de me deparar com ele me deparei com uma garota, estava extremamente drogada e rindo por nada, e eu pensei "Talvez por dentro, esteja chorando por tudo". E ela tinha essas roupas largas coloridas de primavera, que todo hippie utiliza, os hippies são hippies superficialmente, mas interiormente desconhecem toda uma filosofia do amor, não digo todos, pois existe exceções. Do que adianta aparentar o que não é? Eu gostaria que as coisas fossem menos desiguais, até por que sofro com a desigualdade, por conta da cor da pele, cabelo e por morar numa favela. Não obstante, não sou ingênuo de pensar nessas frivolidades sem sentido de "amor livre", "ninguém é de ninguém" e etc. Como se os seres humanos fossem, maduros suficientes para lidar com tal fato, prefiro nesse sentido a responsabilidade, lealdade, ônus do relacionamento a dois. Por que, querendo ou não, tais concepções de amor, nada mais são do que, uma isenção ou um eximir da responsabilidade com outro.

O nosso tema é o lazer, mas será que o lazer é usufruir de drogas que lhe retiram da realidade, ou a satisfação imediata de prazeres momentâneos? A mim, não me parece haver liberdade no sexo por sexo, mas sim uma conduta animal e um instinto primitivo reprodutor, desenfreado. O ser humano é responsável pelo o que faz, e o que produz, e é mais ainda, por ter consciência de todos os organismos da natureza, apesar de o mesmo, não saber o que é a inteligência. O movimento hippie, como sendo uma atividade política, foi extremamente necessária:

Na década de 60, um outro movimento começa a tomar vulto, o “movimento hippie”, que surgiu como uma grande esperança de derrubada de muitos mitos políticos, culturais, sociais e entre eles os sexuais, como o da virgindade e da superioridade masculina. Novos conceitos começam a ser discutidos como o direito ao prazer sem restrição, a liberação sexual da mulher através da pílula anticoncepcional e a produção, em larga escala, de revistas pornográficas (CANO, 2000, p. 20).

Não obstante, hoje não é uma atividade política, mas sim um estilo de roupa. Todo estudante de ciências humanas, se pretende um conhecedor das condições materiais dos seres humanos. As ciências sociais, ao meu ver, deve ser refeita ou reformulada, isto é o que pretendo fazer, trazer às ciências humanas o modo de pesquisa que foi deixado no passado, o mesmo de Karl Marx e Sigmund Freud, que apenas conseguiram constituir suas ciências por haverem tomado os pressupostos de todas as outras, esse é o denominado pensamento complexo:

O pensamento simplificador elimina a contradição, porque recorta a realidade em fragmentos não-complexos que isola. A partir daí, a lógica funciona perfeitamente com proposições isoladas umas das outras, com proposições suficientemente abstratas para não serem contaminadas pelo real, mas que, precisamente, permitem exames particulares do real, fragmento por fragmento. Que maravilhosa adequação “científica” entre a lógica, o determinismo, os objetos isolados e recortados, a técnica, a manipulação, o real, o racional! Então, o pensamento simplificador não conhece nem ambigüidade nem equívocos. O real tornou-se uma ideia lógica, isto é, ideo-lógica, e é esta ideologia que pretende apropriar-se do conceito de ciência (MORIN, 2003, p. 1).

Estive essa noite pensando nessa questão, de como irei fazer isto. Na verdade, eu sei onde quero chegar, e o melhor de tudo, é que conheço o caminho que devo percorrer. O primeiro ponto é que serei um pesquisador autônomo (que está fora da universidade), pelo fato da mesma em grande medida, apenas fazer reprodução bibliográfica, não quero isto. Quero produzir conhecimento, fazer ciência. Em primeiro ponto terei de arrumar um consultório, uma clínica particular, que será o meu laboratório e o meu sustento, fornecedor de matéria prima à satisfação das necessidades de subsistência e o meio de coleta de dados para análise dos fenômenos pesquisados. Percebi que terei, antes de começar a produzir ciência autonomamente, de me virar até uns 35 anos, primeiro pelo fato de não haver capital econômico, precisarei constituir um, segundo até lá, estudarei por meio da burocracia, tentarei fazer um mestrado, tudo no campo da pesquisa, até eu enveredar de modo autônomo, nesse tempo estarei constituindo o arcabouço de meu pensamento, será uma espécie de treino, para daí em diante colocar em prática. O modo que farei será o seguinte, estarei fazendo pesquisas exploratórias, expandido a perspectiva de pensamento, e produzindo poesia e artigo científico. É o modo que vislumbro para realizar os meus desejos, é o que na verdade, eu já faço, produzo crônicas, poesias e prosas, e faço artigos científicos.

Por fim, gostaria de dizer que preciso organizar as minhas ideias, amadurecer os meus pensamentos, melhorar afetivamente e intelectualmente, creio que isto será possível, por meio da burocracia, criar uma autodisciplina, quando me desprender da academia, poderei perambular no mundo das ideias, com maior flexibilidade e liberdade, a disciplina, o método, a precisão, a objetividade, será necessária para constituição de um pensamento complexo e organizado, lógico e verificável por meios empíricos. Mas no momento é isto, trabalhar arduamente e me preparar como ser humano, para minha empreitada intelectual.

Observação Nº 5: Centro de Lazer do Trabalhador.

Estou no Centro de Lazer do Trabalhador. Mas o que vem a ser o Lazer? Conforme Dumazedier (1976), o lazer é um conjunto de ocupações, que o sujeito entrega-se de livre vontade, seja para descansar, divertir-se, recrear-se, ou para desenvolver sua informação/formação desinteressada.

Vejo uma pessoa fazendo uma leitura nesse espaço, sentando em um banco. A leitura pode ser considerada também lazer, do mesmo modo que a escrita. O processo de imaginar e construir histórias, só a livre e espontânea liberdade do sujeito criador é que produz, tal produção pode ser denominada, não de trabalho, mas sim de lazer, pois:

As práticas de lazer acontecem após desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais, portanto são voluntárias e livres, nelas o homem exerce sua capacidade criadora. Deste modo pode-se definir lazer como uma forma de você utilizar seu tempo dedicando-se a uma atividade que você goste de fazer, o que não significa que seja sempre a mesma atividade (DE SOUZA, 2012, p. 1).

Dependendo do modo de escrita que faço, pode ser considerado trabalho ou não. Um exercício de lazer, de escrita, com base na imaginação, na livre expressão e criação, é terapêutico. O lazer enquanto promoção da saúde integral, tem três funções primordiais. São elas: a de descanso, de divertimento (distração, recreação e entretenimento) e de desenvolvimento da personalidade (Dumazedier apud BUENO, 1981).

Me recordo de alguns dias atrás, de uma garota chamada Gabriela que conheci na universidade. A impressão que tive dessa pessoa, foi a melhor possível. Sua espontaneidade é uma marca insuperável. Mas por que me lembro dela? Pelo fato dela estudar Letras, que está totalmente atrelado a literatura, a leitura e escrita, e, portanto, ao lazer.

Ela deu-me um folheto sobre algumas apresentações que irá ocorrer, no Anfiteatro da universidade, que estão ligadas a exclusão e inclusão social por meio da arte. Como sou uma pessoa imaginativa, as vezes produzo elucubrações e construo diálogos, coisas que nunca iram acontecer, falas e desejos que nunca tive, sonhos e mundos que não tenho, mas que perpassam os meus pensamentos, a minha alma e o meu coração. Assim penso no que eu diria a ela, se nos encontrássemos novamente. Ela me diria, creio eu:

- Oi, e aí tudo bem? Eu não lhe vi nas apresentações, você não foi? Procurei você aquele dia, e não o vi.

- Jura? Eu também à procurei, passei algumas vezes por essa cantina, e pensei que talvez naquele momento, ou alguns minutos, ou horas antes, você havia passado por ali e que por conta de alguma circunstância, o que eu tanto procurava, não achava.

A pergunta do modo que foi colocada pode ocorrer, até por que implicitamente me comprometi de algum modo, dias antes. E ela poderia me responder, dizendo-me:

- Ah entendi. Foi muito legal as apresentações, você deveria ter ido. Escuta! Eu tenho aula agora, depois nos falamos, tudo bem?

Tal resposta é provável, aliás é o mais provável. Pelo fato de ser corriqueiro e a realidade ser pobre, as pessoas carecem de imaginação, de dar sentido e fornecer significado ao mundo a partir da linguagem. Uma segunda opção, que poderia ser, era responder-me:

- O que você tanto procurava?

Eu diria. - Não sei. Talvez você? Olhei tantos lugares, tantas mesas vazias, outras lotadas, mas não te via, em canto nenhum. É estranho eu te dizer isso?

Nesse momento consequente, eu a imagino sorrindo. Não haveria constrangimento, mas aquela espontaneidade de antes (que ela demonstrava), já não disfarçara sua vergonha. Um silêncio cobre o ambiente, ambos sorriem. Os sorrisos se entrelaçam, e uma certa tensão emerge, um clima de suspense, e uma suave paixão se inicia.

Essa segunda resposta é pura imaginação, e além disso um desejo. Constantemente nos apaixonamos por pessoas. Algumas vezes por características, que são, as nossas próprias. Quando me questiono sobre as minhas paixões, percebo que a maioria das características que encontro nos outros e que me encanta momentaneamente, são traços de personalidade meus. Quando me apaixonei pela Paloma, foi por conta da sua timidez, por eu não saber nada dela, isto me impelia a

querer conhecê-la, quando na verdade, isto era um comportamento que eu gostaria que as pessoas tivessem com relação a mim, do mesmo que eu a percebia sentada sozinha, na sua timidez, na sua solidão e ninguém ia em sua direção, o mesmo faziam comigo, de certa maneira eu estava apenas me comportando, do modo que eu desejava que os outros se comportassem comigo. Eu estava na verdade apaixonado por mim mesmo, pela minha solidão, pela minha timidez ou tristeza, gostaria que alguém percebe-se o que há de belo em tudo isso, mas ninguém há de perceber, tentei desvelar o outro, como uma tentativa de desvelar a mim mesmo, por isso a paixão por ela, o que é um fato, pois após perceber isto, já não havia paixão, nem desejo.

Mas e a Gabriela? Por que me apaixonei? Me apaixonei pelo fato, que a sua espontaneidade é algo que havia em mim, e que de certo modo eu perdi. Nela eu reencontrei uma parte de mim mesmo, por isto a grande identificação, o apaixonar-se seria uma espécie de "meu corpo se inclinando em direção ao meu eu".

A recuperação de características que ficaram aprofundadas no meu âmago, que agora me relacionando com outras pessoas, estou recuperando e contrabalanceando com as qualidades que obtive, mas que imiscuíram algumas outras.

Me lembro de pessoas que no caso se apaixonaram por mim, se apaixonaram exatamente por conta das qualidades que perdi. Uma delas, seria a espontaneidade, eu já fui mais espontâneo do que parece, e também mais engraçado. A ciência, a sociologia e a psicanálise especificamente, e o meu adentrar profundo nessas concepções, me fizeram ficar sério demais, estou fazendo o movimento contrário, em recuperar o perdido. Talvez no perdido, possa trazer de volta, não só uma parte de mim, mas também perceber e amar as pessoas, não por meio das minhas projeções, mas sim pelo o que elas são, puramente por não precisar projetar, por ter e aceitar aquilo que antes não aceitava, ou antes não tinha. Já fui calmo, e solitário e nunca necessitei de ninguém, a Babi e a Lídia se apaixonaram por mim. E quando fui espontâneo, tive a Michele em meus braços. Creio, que com a Babi não me entreguei suficiente. Com a Carla, que tanto quis e almejei fui ético demais. Com a Eduarda não desfrutei do que ela me oferecia.

O caminho a ser seguido é esse, quando estamos no fim, o que se faz é voltar ao início. É o que farei, voltarei ao início de tudo, constituirei minha personalidade, modelando e regulando as características racionais, desenvolvendo a linguagem no relacionamento com as pessoas, no grupo, fortalecendo as minhas palavras e os sentimentos contidos, farei o processo de trabalhar meu psiquismo, esse amadurecimento será necessário, até o dia da minha entrega total.

O momento da minha entrega total, será exatamente o dia onde poderei sintetizar, todas as minhas experiências e as reparações que fiz das mesmas, todos os erros que cometi nos relacionamentos anteriores, e tudo que não fiz ou deixei de fazer, inclusive isto: O não me entregar-se por inteiro. Eu confio nisto, no que sinto, entendo um pouco melhor as minhas ações, os padrões

de comportamento, o do por que me apaixono e deixo de me apaixonar, o do por que sinto e deixo de sentir, e principalmente: O do por que, eu amo.

O inverno chegou, e as minhas colegas perguntam-me "Você não sente frio?", e de modo lacônico eu respondo "Não. Eu sou quente", risadas sempre surgem, da piadinha erótica. Na verdade, eu não sentia frio, não pelo fato de ser "quente", mas sim por ser frio. Ontem escrevi no meu diário, que sinto frio e realmente sinto. Como dito lá atrás, já fui autossuficiente, hoje não sou. Não tenho receio de dizer que preciso de pessoas e que necessito de um abraço, e muito menos que sinto frio... quando realmente sinto.

Eu posso amar? Sim, posso.

Posso dizer... Eu te amo? Também.

E deitar-me nos seus braços?

Esconder-me no seu corpo?

Entrelaçar-me em sua alma e sentir o seu espírito

Retirar de você o beijo nunca dado

Olhar as constelações no céu, e ver o seu rosto nu

Perpetuar com as minhas mãos, o caminho do seu corpo

O caminho não percorrido, o caminho não encontrado

Sentir o sopro e o ar quente que emana da sua boca

Olhar os seus cílios, e sentir o mundo

Deslizar o dedo indicador, sobre sua tez e sua face

Sentir os eflúvios da sua pele a constantemente aliviar-me

Dando-me a sensação, de paz, de conforto

De segurança

E eu confuso, sem saber, se louco ou apaixonado, sou

Se o que sinto, é real ou não
E se realmente me amas.
E eu digo: Posso te amar?
E você, com seu sorriso, a inclinar-me todo o seu afeto
Todo o seu desvelo
Toda sua compaixão
Seu corpo agitado, perdendo-se no meu
Não sei, se o que sou, é você
Ou se você, é o que sou
Nem o mar, nem o sol, nem a terra
Confundissem mais, do que a mim e você

E com seus os olhos baixos

Tu... Me fazes... Um pedido...

Ama-me...

E eu...

Amo... E eu, amo.

E me lembro que pela primeira vez, que ti vi
O que senti
Foi na verdade
Foi vontade... De soprar...
De soprar vida... Vida...
Dentro de você...

OBSERVAÇÃO Nº 6: Bar

Já é de noite, em pleno feriado resolvi chamar alguns amigos para irmos lanchar em algum lugar. Percebo pessoas de todas classes sociais neste restaurante, que antes deveria ser para os mais abastados. O que vejo é que ninguém quer ser pobre, aquele que é pobre, quer comprar, quer ter tudo aquilo que a sociedade fornece em bandeja. Estou na fila aguardando minha vez, atrás de mim se encontra uma mulher loira e o seu namorado, as classes sociais se misturam, existe negros, brancos, gordos, parece-me o paraíso isto, até gente feia tem aqui. Não é interessante? Pessoas com fenótipos diferentes, habitando o mesmo espaço, creio que no futuro daqui uns 20 anos, tudo estará bem melhor. Por mais que reclamemos, o mundo é melhor do que antes, apesar de não ser o ideal.

Existem problemas, e eu não discordo disto, até por que, quero entende-los. Para mim, tudo é uma questão humana, mas ainda vejo o capital sendo racional e irracional ao mesmo tempo, há uma grande contradição no que dizemos, e no que sentimos, muitas vezes transparecemos aquilo que não somos, o nosso ser social, não é o nosso ser essencial. Posso estar em uma palestra que é contra uma sociedade desigual, ou que reivindica melhores relações de produção, não obstante, quando me deparo com uma pessoa inferior a minha classe social à desprezo, puramente por conta do meu eu:

Nas antipatias e aversões não disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los (FREUD, 1921/2011, p. 57).

É óbvio para mim, o capital é um reflexo da condição humana, não apenas a sociedade de mercado, mas todas as outras, a Igreja na era medieval com os padres preguiçosos, tinha de ter escravos, ou na Grécia antiga, enquanto os filósofos estudavam. A história humana, é a história da preguiça, onde os seres humanos procuram um modo de subjugar o outro, se eximindo do seu trabalho e impondo-o ao outro e tendo como benefício o lazer.

A pior miséria da contemporaneidade é impor aos homens, o trabalho de máquinas. Não precisamos trabalhar, mas a questão esbarra no afeto humano: O que faremos quando sermos iguais? Poderemos lidar com o fato, do outro ser uma parte de mim? Que tudo isto, que dividimos, fragmentamos e segmentarizamos na verdade é uma unidade.

A questão do ser humano, é uma questão intrigante, o modo de existir me intriga. A sociedade de mercado, as pessoas que trabalham, os "intelectuais", fiquei pensando se ao invés de debaterem teorias nos congressos, reunissem e fossem as ruas, traria mais resultado do que os 50 anos de estudos, de concepções reproduzidas de outros autores, nada originais e inócuas. Mas é justamente isto, se houvesse uma sociedade igualitária, o que eles iriam fazer? Eu duvido que os professores realmente querem uma sociedade melhor, não querem puramente pelo fato, que iriam perder os seus empregos. Se não houvesse pobreza, não haveria assistência social, nem sociólogo marxista. Eu diria, que percebo intelectuais comprometidos, críticos, homens de seu tempo, mas percebo outros que são um atraso. A universidade é hipócrita, aprendemos Piaget, Wallon e Vygotsky, o que eu percebo é que essas teorias são rasas e superficiais, colocam em igualdade os seres humanos, quando na verdade são desiguais, o pior de tudo é ter de ouvir professor universitária, dizendo aos professores como eles devem ensinar os alunos. É absurdo, nós vivemos em uma sociedade capitalista, nem por isso as pessoas deixam de consumir, a educação é um mecanismo de manutenção das grandes corporações, o interessante é que isto, produz mestrado e doutorado. E o engraçado, é que as pessoas se acham críticas e revolucionárias, elas não arrumam nem o quarto.

Às vezes fico efusivo, muitas coisas me enervam, é por que estou amontoado de tarefas e compromissos, assumi esse semestre muitas responsabilidades, e, por conseguinte tenho muitos sonhos. O mais difícil para mim, são os meus sonhos, gostaria de os pôr em prática, passar a produzi-los, mas vejo que ainda não é o tempo, não é o momento. Primeiro as responsabilidades, depois a realização dos desejos, isto é, princípio de realidade (1920) ao invés do de prazer, até por que, para conseguir realizar os desejos e desfrutar deles, em meu caso específico é necessário passar por toda burocracia, querendo ou não, isto é um esforço de disciplina, de comprometimento e até de ensino, de saber que as coisas não são no meu tempo, mas sim no tempo da sociedade.

Uma coisa que apreendi e me é útil, é retirar da pior situação possível o melhor aprendizado que houver. No momento, estou fazendo um estudo exploratório, mergulhando no conhecimento, abrangendo o campo de visão, expandido ao máximo possível, alargando as fronteiras e quando for o momento exato, irei juntar os fragmentos e aprofundar alguns outros. Primeiro a expansão, depois a concentração, mas isto não quer dizer, que em determinado momento irei parar a exploração, isto é contínuo, mas que no caso é oportuno abranger as perspectivas, não se aprofundar tanto (por conta do tempo), por sua vez a primeira opção permite transitar por toda a montanha e ter um angulo do todo e de diversas posições.

Observação N° 7: Academia de Ginástica.

Vejo pessoas indo e vindo, de um lado para o outro, belas mulheres e belos homens. Apesar de ter passado 20 séculos, o ideal platônico permeia as relações sociais, e sempre irá permear, pois essa influência não é propriamente de Platão, mas sim da condição humana que está estritamente ligada à criação de ideais. Os ideais são motivadores que impelem os indivíduos a buscarem-no, seja por meio da ação ou puramente pelo pensamento fantástico. Mas o que vem a ser o lazer em sua relação com a Ginástica? O motivo da frequência dos adeptos à academia pode ser por inúmeras possibilidades, e umas delas é:

[...] a busca da melhoria da condição física e da saúde. Relaciona ainda, a busca do relaxamento, descarga de energia e higiene mental e coloca também que algumas pessoas procuram as atividades por recomendação médica (MARCELLINO, 2003, p. 50).

É interessante notar que o lazer, está frequentemente relacionado à saúde mental, pois as atividades que são denominadas como recreativas, são opostas àquelas causadoras de estresse:

Mais de 90% consideram a frequência a academias como uma de suas atividades de lazer, justificando pela possibilidade de escolha, prazer, diminuição do estresse, relaxamento, conhecer pessoas, encontrar amigos e quebra da rotina (MARCELLINO, 2003, p. 53).

Todas atividades físicas, estão ligadas à saúde e consequentemente ao prazer, por que a primeira gera a segunda. Pessoas que tenham satisfação corporal, uma boa alimentação, e uma relação gratificante com o corpo, tende a ter saúde. Por que a definição desta última é, segundo Organização Mundial de Saúde (1948) "estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente ausência de enfermidade ou invalidez" (JUNIOR, 2004, p. 1).

É importante destacar que a definição está ligada um "ideal de ser humano", que é a do "homem bem-sucedido", que seria detentor de um corpo esteticamente apreciável, um indivíduo "bem resolvido emocionalmente" e socialmente privilegiado do ponto de vista das instituições sociais. O que no caso, se defronta com empecilho, pois se temos um pouco de riqueza, essa não resolve os nossos problemas, e se caso estamos "resolvidos emocionalmente" nos falta prestígio social, e assim, por conseguinte sempre irá faltar alguma das características colocadas como componentes constituintes da saúde.

Os exercícios físicos se tornam fonte de sucesso, quando numa sociedade é valorizado as ideias de corpo, por que cada elemento prestigiado socialmente engendra a necessidade dos outros, sendo assim, se um sujeito está bem fisicamente, tem de estar social e emocionalmente, e caso esteja com sucesso no fator social e no emocional, de estar no físico. A ideia de corpo, mente e alma, sendo sinônimos de físico, mental e emocional, nada mais é do que uma derivação das filosofias antigas, ou até mesmo do Budismo, que diz ser o caminho da luz, o caminho do corpo, por isto a restrição de alimentos, os exercícios árduos e penosos, através de tais práticas se poderiam chegar ao controle dos afetos/emoção e obter a luz/mental.

Uma sociedade constituída do modo da nossa, falar em saúde, é sinônimo de comportamento lúdico. A rotina é cada vez, mais massacrante, menos tempo para fazermos menos coisas que gostaríamos. As vezes a sensação que tenho, é de desorientação, no âmago de nossos seres não sabemos o do por que, fazemos o que fazemos, mas continuamos como se soubéssemos de alguma coisa. Um grupo de Rap americano, diz alguma coisa no sentido, mais ou menos do que eu sinto:

Todo dia o diabo me atenta

E eu queria que o Senhor jogasse um machado em mim, eu não estou feliz

Eu e Eazy-E numa B-E-N-Z, com meus manos perto de mim

Isso é meu legado, não podemos deixar parar, uh uh, não agora

O mundo todo acabando em um bang-bang

Corrupção, destruição, desastres

Todo mundo tentando rimar mais rápido que o mestre

Oh Senhor, você pode salvar minha alma?

Mano tentando chegar à platina perto dos 40 anos

O Senhor sabe que nós podemos fazer isso

E não vai nos parar agora porque podemos provar isso

Eu, Stew D, PD, Freaky G

O mundo todo quer colar comigo

Estou aqui em pessoa, vamos falar sobre sexo

Bebês tendo bebês, Geração X

Com a epidemia de aids, não somos mais puros

E eu sei que eles têm a cura para isso, não somos ricos

Primeiro perdemos o Eazy, depois perdemos o Pac

Biggie foi morto, quando essa merda vai parar?

Todo mundo quer saber o que está acontecendo

com os Thuggish Ruggish Bone Bone Bone

Tentando se preparar para o bug do milênio

E se eu não morrer hoje, eu vou tentar mudar o mundo (THUGS-N-HARMONY, Bone. Change The World, BTNHResurrection, 2000).

É exatamente isso, não falamos sobre os nossos problemas, sobre as doenças do século como o câncer, por questões meramente políticas. O diabo me atenta todo o santo dia, me dizendo o que fazer e o que não fazer, a vontade que tenho são muitas, mas quando ouço Mozart ou Maurice Revel toda essa dor se dissipa. Tenho vontade de mudar o mundo, mas o meu desejo não corresponde a minha ação, o máximo que posso contribuir para o mundo, é com o meu conhecimento, produzir ciência, desconstruir a hipocrisia, ou melhor revela-la, pois, a mesma é prerrogativa para o andamento da vida social, pois o caso contrário sem a mesma, seria impossível vivermos em "conjunto". O meu objetivo na terra, enquanto ser humano é servir de lente para as pessoas, cumprir a função de um cientista social, de ser objetivo com a realidade, desmascarar as farsas, mesmo que essas sejam para o bem, o meu comprometimento é para verdade que nem dizia Aristóteles "Seja amigo de Platão, mas não se esqueça, de ser mais ainda da verdade". A minha missão acaba aqui.

Observação N° 8: Campo de Esportes.

Hoje está um dia bom, creio eu que nosso humor varia conforme os climas e a correspondência entre clima e personalidade de cada pessoa, no meu caso sou uma pessoa de clima nublado. Quando o tempo está chuvoso, nublado, as nuvens negras e ventando, logo me ponho a sorrir, talvez seja por conta da identificação com o meu ambiente, minha personalidade é caótica, meu humor varia por conta da hipersensibilidade que tenho, o que em grande medida parece algo insignificante, para mim tem grande valor, o complicado é que as pessoas não percebem a sutileza dos pequenos atos, o que torna-se um grande problema, pois por haver apreensão de minha parte desses elementos, os capturo, os incorporo e tornam-se parte de mim, enquanto que para os outros, o mesmo não ocorre. Você pode cometer um pequeno ato e não o percebê-lo, mas eu sim. Pode ofender-me com um olhar e um toque, uma fala, um não dito, enquanto que atos que parecem de grande valor e significado, me passam batidos, estes você percebe, mas eu não. A contradição é incrível, pois enquanto você ofende-me por meio de ações práticas e que não percebe, você por sua vez se ofende por perceber-me como negligente com relação à atos, que você toma como significativos, e eu a percebo como insensível com relação à aquilo que deveria notar, e não nota.

Aqui no Jupa (Campo de Esportes), as pessoas fazem corrida, futebol e vôlei. Uma coisa que percebo, é que existem formas de trabalho que estão intimamente ligadas ao lazer, e outras não. Vejamos por exemplo, as pessoas que trabalham como professores universitários, onde estará o limiar entre lazer e trabalho? Quando um é bom, e outro é maléfico? Existem professores que adoram trabalhar com docência, mas fazem, mais por lazer do que, por aspectos financeiros, não obstante encontraram um campo em sociedade, que lhes permitem desfrutar do prazer sobre um trabalho que lhe corresponde a personalidade, ao mesmo tempo que retiram daí alguma economia. As pessoas só se motivam, quando percebem claramente o prazer proporcionado pela atividade que praticam, e se o prazer não é evidenciado na atividade executada, manifesta-se a insatisfação e consigo a desmotivação, nesse sentido prazer/motivação/produção e desprazer/desmotivação/improdução são facetas da mesma moeda, e estão estritamente correlacionados (CAMARGO, 2003).

Uma descrição interessante de como o campo do lazer e do prazer se cruzam, de como as aspirações, os desejos, as contradições humanas se realçam no cotidiano, é narrado por Camargo:

O pêndulo entre o prazer e o sofrimento se concretiza, por vez, no cotidiano do trabalho e do lazer. A busca pela realização profissional e pessoal, a necessidade de ajudar as pessoas a luta pela subsistência, confrontam-se com a submissão ao controle e ao poder autoritário, com as dificuldades para o desenvolvimento profissional, com a monotonia e o desgaste pelo ritmo de trabalho, com a necessidade de descanso e de afetividade na convivência com a família, de participação em encontros culturais e sociais, de praticar esportes e manter os corpos saudáveis, bem como de aspirar à liberdade, ao sentir-se sufocado pelas limitações que pertencem ao dia-a-dia [...] Não obstante, o mundo do trabalho está cada vez mais associado ao estresse e o mundo do lazer, aspirado pela maioria das pessoas, como fonte de prazer, de liberdade e de promoção da saúde. Por outro lado, o conceito positivo do trabalho é coerente com a dinâmica de nossa sociedade industrial, que se baseia na eficiência produtiva e concede a primazia ao racionalismo técnico-econômico, isto é, uma sociedade de produção, aberta à concorrência, animada pelo motor do sucesso e presa ao bem-estar material. A educação e a formação técnica giram em torno da profissão. O lazer é considerado como um tempo de repouso e de consumo e a aposentadoria como salário bem merecido de uma vida de trabalho (CAMARGO, 2003, p. 491).

O lazer é um tema amplo, mas é considerado fundamental no processo de equilíbrio entre o estresse produzido no trabalho e a vida recreativa:

[...] o lazer é compreendido como ocupação à qual o indivíduo pode entregar-se de livre e espontânea vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para cultivar o convívio social com amigos e principalmente familiar, livrando-se das obrigações profissionais, familiares e/ou sociais (CAMARGO, 2003, p. 494).

No mais, poderia dizer que a relação entre lazer e trabalho estão estritamente imbricadas, sendo inatingível compreender as relações de produção, sem a compreensão do que este fornece ao trabalhador, prazer ou desprazer, motivação ou desmotivação.

Observação N° 9: Cinema.

Poderia começar de diversos modos, mas há só um jeito, que é pelo começo, que no fim das contas é o fim. E aí? Você vai no Miss comigo?

Constantemente nos digladiamos em busca de soluções, uma vez ou outra, achamos as respostas, que não são as corretas do ponto de vista ideal, mas são as certas do ponto de vista da realidade. Eu tenho um conflito? Eu diria que não, mas se me perguntares se algo me perturba, eu digo que sim. Perturbação? Oras, e que tipo de perturbação eu vos falo? Aquela que não me tira o sono, porém me permite viver. O que procuramos? A busca humana é a busca da conciliação, a busca do equilíbrio. Devemos estar atentos, pois o equilíbrio existe com relação a um objeto desejado, sendo este na maior intensidade de nossos corpos, o que se indica nesses casos, é não ter excesso, nem déficit, nem mais, nem menos, o caminho do meio, do equilíbrio. O problema não está, nesta primeira parte, mas na segunda, que é desejar mais de um objeto com toda intensidade dos nossos corpos. Não há balança que suporte, o peso excessivo do querer de dois objetos inconciliáveis. O ônus produzido é sempre maior de um lado, a libra jamais aparecera na horizontal, representando completude e totalidade, contudo se manifestara na diagonal se remetendo ao declive de umas das partes, nos dizendo "ou um, ou outro".

O equilíbrio buscado, não se refere a isenção de conflito, mas sim compreensão do mesmo. É entender, que a minha escolha, implica em não escolher outras coisas, e que a minha escolha me traz determinados benefícios, e não outros. Estar em dada condição e saber por que faz, o que faz, é tomar o destino nas próprias mãos, e ter por sua vez um dos objetos que deseja, escolhendo o primeiro perde-se o segundo, mesmo que este último faça falta, nada é eterno, mas sim temporário. Obtém-se algo em primeiro em plano, com esforço e esmero, em detrimento do segundo objeto desejado, que momentaneamente estará fora de disposição, mas a força do seu corpo em direção a segunda aspiração estará concentrada no seu íntimo, latente, como pequenas bolhas em um espaço e um tempo, que não tem tempo e nem espaço, um lugar atemporal, um lugar a-espacial. As bolhas, nunca se explodem, mas se coagulam, concentrando umas às outras, associando-se, encadeando-se, criando-se ramificações e produzindo rizomas, ao acúmulo de todo o desejo, nas potencias do corpo. Esse aglomerado, que tem valor inestimável, é o que deve ser preservado, mantido com diligencia e sabedoria, do mesmo modo que se aperfeiçoa uma obra de arte, faça da vida o mesmo,

modelando algumas partes, aparando algumas outras, retocando pequenos detalhes, estendendo e complexificando aquilo que conservas. Enquanto zelas pelo segundo desejo o aprimorando constantemente, o primeiro se constrói em realidade, aos poucos, em pequenos goles, em pequenas medidas com calma e serenidade. Já que não se pode ter ambos em realidade, mas apenas um, podemos optar na escolha da construção de um deles em sua realidade e o outro edificar emocionalmente, guardando assim o melhor de ti.

Isto seria um conflito? Como posso dizer que não? Eu digo que não, mas afirmo apenas, porque outro, um ancestral, antes de mim afirmou e se não fosse por suas palavras, não saberia definir o que sinto, defino o que perpassa por mim hoje e entendo meu espírito, por que, os que me antecederam entenderam suas almas:

Desde há muito, Sereno, eu questiono, em silêncio, a que se poderia comparar semelhante estado de espírito e não encontro exemplo mais adequado que o daqueles que, tendo saído de uma longa e grave enfermidade, ainda sentem pequenos incômodos. Embora já estejam livres das sequelas, já estejam curados, ainda se inquietam com suspeitas e fazem com que os médicos lhes tomem o pulso, interpretando como doença todo pequeno mal-estar.

O corpo deles, ó Sereno, está curado, embora não esteja acostumado à saúde, assim como o mar, já tranquilo, sempre tem certa agitação, mesmo depois que passou a tormenta. Não é preciso aqueles recursos drásticos aos quais já se recorreu anteriormente, como resistir a si mesmo, censurar-se e atormentar-se. Neste momento, é necessário que tenhas confiança em ti mesmo e creias que vais pelo caminho reto, sem se deixar chamar para veredas transversais como de muitos que vão de um lado para outro, enquanto alguns se extraviam bem próximos do caminho (SENECA, 2009, p. 40).

Não há enfermidade, não há conflito, contudo, há pequenos incômodos que surgem a partir de nós in-existentes, mas que por haver uma percepção de tais manchas, causam um certo desconforto fazendo lembrar daquilo que já passou ou que permanece de algum modo:

Sei que esses movimentos da alma não são perigosos nem trazem qualquer inquietação mais tumultuosa. Lançando mão de uma imagem que expresse o que sinto, digo que não me cansa a tempestade, mas sim, a náusea. Portanto, afasta o que quer que seja este mal e socorre ao naufrago que já avista a terra (SENECA, 2009, p. 40).

É justamente as escolhas que fiz, que possibilitaram eu ter tudo o que tenho e que prezo, tudo o que tenho e prezo, é o que me permite ter um conhecimento sobre os meus comportamentos e responsabilidade sobre o meu inconsciente. Não somos responsáveis pelo o que sentimos, mas sim

pelo o que fazemos. Não sou responsável pelo o que sinto, pois não posso escolher o que sentir, mas sou responsável por tudo que faço, mesmo que as origens de minhas ações derivem de minhas emoções, quando feitas, gera-se a responsabilidade e o arcar das consequências, puramente por ter a capacidade de pensar, de escolher, de ter um intelecto e, portanto, liberdade de deliberar sobre o que faço. De fato:

[...] o estado em que me encontro é o de não estar, de boa-fé, liberto daquelas coisas que eu temia e odiava, nem totalmente submetidos a elas. Neste estado, não sendo o pior, é o mais lamentável e incômodo, por que não estou doente, nem são [...] Seja qual for esta debilidade da alma, que nem se inclina fortemente ao que é certo nem ao que é depravado, não consigo expor tudo de uma única vez, mas apenas por partes. Eu te direi o que está me acontecendo, e tu encontrarás um nome para essa doença [...] Tanto dos males quanto dos bens, uma longa familiaridade induz ao amor (SENECA, 2009, p. 36).

Cada fragmento explica, a totalidade e os seus elementos. O meu segundo desejo, é experienciado na esfera do sagrado, pois escolher, é renunciar. Eu renunciei o amor e a paixão, em proveito do conhecimento e a sabedoria, isto é temporário, não sendo interminável. O que tenho é o conhecimento, quando digo que renuncio o amor e a paixão, é que não me disponho apaixonar-me e resisto por meio de diversos esquematismos que tal sentimento surja, o afeto existe, está sendo conservado e aprimorado continuamente, enquanto na realidade, tomo posse de conhecimentos e me nutro do que o mundo me oferece. A energia movente e norteadora, é precisamente o segundo desejo, latente, que sublima-se em forma de conhecimento.

Isto explica, o do por que, constantemente e cada vez mais, vivo o segundo desejo no território das possibilidades/impossíveis. Possibilidade por que é a onde, o meu desejo de ter o que almejo pode ser vivenciado por alguns momentos e ter a satisfação (mesmo que peremptoriamente) de viver a parte mais íntima e intocável de meu ser. Impossibilidade pelo fato, de que, tais espaços jamais poderão se vivenciados em concretudes, mas sim por meio do desfrute, daquilo que o outro pode oferecer, e daquilo que posso retirar da companhia deste, de suas qualidades, que não encontro em meu cotidiano, mas que posso encontrar em sua personalidade, satisfazendo as carências e promovendo a vitalidade, de modo virtual, o que não quer dizer, menos real.

Deste modo, posso discorrer sobre alguns fenômenos. Um reflexo constante me ocorre, decorrente de um estímulo. Toda vez, que estou na fila do ônibus (na volta), existe uma garota, percebo que o meu corpo, especificamente meu rosto se orienta na direção oposta à ela, sei que ela está ali, sei por conta da visão de 360° graus. No momento não percebo tal ato, mas algum tempo depois, me vem em consciência a minha ação e passo a me questionar: Por que toda vez, que me deparo topograficamente relacionando-me com esta garota, meu rosto evita a sua face? Estamos

no mesmo espaço, no mesmo tempo, e eu evito o seu olhar? Por coincidência, estou sempre ao seu lado, e é perceptível meu olhar para algures, que não a sua tez.

Sei a resposta, não sou ingênuo, a ponto de não conhecer-me a mim próprio, quem poderá conhecer mais a mim, do que a mim mesmo? No fim, o que faço é olhá-la covardemente através do vidro, quando se levanta e vai embora, a única coisa que vejo é o seu semblante de perfil, o seu reflexo, a sua imagem me acalma temporariamente, fazendo-me recordar que, o que vejo é apenas a sua imagem e não ela por si mesma. Este seria um bom exemplo de viver o meu segundo desejo, no território das possibilidades/impossíveis. A possibilidade é o reflexo no vidro, que me permite amá-la por segundos e a impossibilidade é por que não posso vivenciar, o meu segundo desejo por meio de uma imagem. E me pergunto, por que eu te evito? Por que sei, que quando vê-la, não poderei evitar olhar em seus olhos, eu me perderia. Tudo que não posso fazer no momento, é justamente me perder. Sei no que implica, um relacionamento com alguém desprovido de bens materiais, o que posso te oferecer, a não ser a mim mesmo? Não tenho nada além disto, a minha oferta é mínima, pois o que tenho a oferecer não tem valor algum, o amor que tenho por si só, jamais preencheria o desejo de consumo, das satisfações elementares e primárias. Satisfações essas que não posso lhe fornecer, por ser desprovido de qualquer bem.

Como posso resistir e experienciar a segunda realidade paralelamente? De muitas maneiras, com esquemas e com defesas. Talvez o fato de aproximar-me do Anderson, seria um modo de experienciar as possibilidades/impossíveis? Possibilidade pelo fato, de ser um espaço onde posso vivenciar o segundo desejo, estando seguro. Um homossexual seria a figura mais próxima que posso chegar do sexo oposto, sem perder-me e ao mesmo tempo satisfazer-me numa relação, uma psique, que tende a ter como preponderante a feminilidade. Impossibilidade, pelo fato do homossexual ter o corpo físico de um homem, isto impossibilita a relação, mas não impede o desfrute da psique feminina. E dos pequenos desfrutes, o segundo desejo se concretiza, sem colidir com o primeiro da realidade. Manifestando-se, nas pequenas relações, nos pequenos momentos, debruçando-se assim a libido sobre objeto, retirando o gozo e a satisfação dos pequenos átimos. A tensão que se modifica, a tranquilidade que emerge, os pequenos momentos agem como se fossem tranquilizantes, de dose em dose, surtindo efeitos, contínuos e espaçados, até o momento que o desfrute não seja de pequenas partes ou momentos, mas por outro lado, da totalidade, pois o que era segundo desejo, tornou-se o primeiro.

E no fim, com o Jean sentado ao lado de uma mulher, que desconheço, mas que, só por haver a sua presença no ambiente, torna-se um desencadeador do segundo desejo e produtor de um padrão de comportamento de evitação e de resistência, análogo ao da garota do ônibus, em um momento impróprio, manifesto o meu amor e a minha real vontade com relação àquela que evito todos os dias, mas que o seu reflexo no vidro já é suficiente, dadas as condições materiais, para aliviar-me de muito do que sinto, do meu amor coagulado e da minha paixão desenfreada. O que era, aquela

mulher ao lado do Jean, além de um reflexo no vidro? E o que era propriamente o Jean? A primeira, a minha impossibilidade, pois não posso amá-la, não antes da escolha primária ser realizada. E o segundo, a minha possibilidade de experienciar momentaneamente o meu segundo desejo, não em sua completude, mas por meio do desfrute.

E lá em cima, eu disse uma coisa: O começo, na verdade é o fim. E realmente, o começo na verdade é o fim, uma expressão do que tenho vontade de fazer e não fiz. Com o Jean sentado ao lado de uma mulher, eu digo a frase do início: E aí? Você vai no Miss comigo?

E se eu disser que te quero?

Que te quis desde do começo

Mas não sabia que a queria

Mas que senti que a desejaria

E se eu disser, que ti vi sorrindo e me apaixonei

Que com a sua felicidade me contagiei

Que o seu sorriso, me explodiu de amor

Que uma flor com o seu mel me brotou

E se eu disser?

Vais me aceitar?

E se eu for além e disser?

Então direi, que me apaixonei

Por seus lábios encantados

Pelo seu jeito enevoadado

E se eu disser que posso te amar?

Me deixas te amar?

Prometo te levar, pelos silêncios agradáveis

Por beijos enamorados e abraços confortáveis

Por sensações calorosas

Aconchegos e afagos

Você ainda me deixaria te amar?

Mas e se eu disser

Que quando estou com você

Me sinto confortável

Só de estar ao seu lado

E as vezes imagino, nós namorados

Você deitada no meu peito

Sorrindo de olhos fechados

Como um filho aos braços da mãe, aconchegado

Você me olha, eu te olho

Transponho minhas mãos ao seu rosto

Te acaricio do meu jeito bondoso

Transpasso meus dedos em seus lábios

Sinto seu rosto quente, sua pele macia

Me jubilo por dentro

E percebo que sou o homem mais contente

Contente por amar e de ser amado

Enquanto te sinto com as mãos

Você a beija e eu como grato te devolvo

Com um beijo terno e suave

Nos sentimos por inteiro

Nesse momento você me abraça

Me sinto o homem mais amado
Ganho um beijo de seus ternos lábios
Meu corpo treme
O seu tocar me causa arrepios
São consequências desse desafio

E se eu disser? E se eu disser!
Enquanto não digo
Esses pensamentos ficam comigo
Sonhando ao seu lado
Sentado no ônibus conversando
Do meu jeito despretensioso
Demonstrando querendo nada mais
Do que a sua amizade, me mostrando
Um amigo de verdade
Quando na verdade eu penso

E se eu disser? E se eu disser?
E se eu for além? E disser que posso te amar?
Me deixas te amar?
Me deixa... Me deixa...

Observação Nº 10: Sarau de Poesia.

Hoje é o último dia de relatório à ser escrito, e também por ser uma observação individual, e pelo tema ser lazer, escolhi um lugar especial, não só para fazer a finalização deste trabalho, como também para produzir reflexões, e fazer uma, das coisas que mais gosto, que além de produzir satisfação e prazer, produz arte e que está estritamente ligado ao tema proposto pelo nosso grupo de Psicologia do Cotidiano. Me encontro no momento, em um Sarau de Poesia, não apenas com o

intuito de observar, mas também de participar, será uma espécie de "observação participante", ao mesmo tempo que observo, eu transformo a realidade, isto é, provooco mudanças no meio e vou modificando paulatinamente sua estrutura, assim construo conhecimento e em concomitância, faço pesquisas. Mas o que vem a ser, o Sarau? O Sarau é:

O termo sarau deriva etimologicamente do latim serum, que significa “tarde”, período em que justamente se davam os encontros. [...] A palavra sarau não é recente. Diversas músicas, romances, cartas, crônicas e memórias do século XIX, da Europa e da América, fazem referência a essas luxuosas reuniões de amigos, artistas, políticos e livreiros, que, com frequência variada, encontravam-se em casas de certas figuras da alta sociedade ou em espaços exclusivos desses setores – como clubes e livrarias – para tornar suas criações públicas (TENNINA, 2013, p. 11).

Eu apenas não sei, se o Sarau referido acima e o seu horário, era a tarde da noite, ou tarde da tarde, isto é, das 12:00 às 18:00, no entanto, o horário ao qual me encontro é o segundo. Eu tenho algumas ideias de poesia, a primeira é:

O Desejo de um Sonho.

Ultimamente me sinto apaixonado
Esse amor me é enorme
Que chega a transbordar em meu peito
Menina por que não me amas?

Se ao menos ela soubesse
O quanto o seu corpo me apetece

Se ao menos ela soubesse.
Como rápido bate o meu coração
Quando o seu olhar me aparece

Me sinto, de todas as formas

De todas as cores

Apaixonado, amargurado, odioso

Amoroso, com raiva e bravo

Não me aparece oportunidade de amor

Não me aparecem oportunidades de amar

O que faço para ter o seu amor?

O que faço para lhe ter?

Como te convidar para sair

Sem me prejudicar

E ao mesmo tempo não acabar

Com o pouco que temos

E a imaginação, e a ilusão

A constantemente à se criar

De um amor que nunca tive

De um amor que estou à desejar

Aliás, por que eu te amo, meu amor?

Por que te quero?

Há quero, por que nunca à tive

Mas nem por isso, o meu amor diminui

Apenas aumenta

E se infla o meu coração

Que chama por suas mãos

E por saber, que nada irá acontecer

Apenas lamento, a covardia

E a falta de iniciativa própria

De te chamar para sair.
E nunca saber a verdade,
Se a teria ou não
Em meus braços
Em minhas mãos
Com os lábios
E as nossas, bocas
Se cruzando
Em busca
De amor
Em busca
De
Paixão.

Uma das coisas frustrantes da poesia, é imaginar todo um cenário, é construir toda uma imagem, ter visões mentais de representações cinéticas, trazer à tona processos mnemônicas, criar figuras de linguagem, produzir todo um sentido estético, e transmiti-lo à folha, de modo narrativo e visual, transduzindo ao manuscrito o afeto sentido pelo autor, de modo a transmitir ao receptor, o processo de criador e criatura de uma obra, e do sentido do discurso, o modo de se perceber no mundo, e de experimentá-lo e sê-lo. O problema é o fim do poema, a vontade angustiante de rasgar o papel, pelo fato de não ter experimentado o sentimento real, de não ter nos braços, a musa dos nossos sonhos, e de me deparar com ela, pelos cantos, pelos corredores, e não abraça-la e amá-la, de modo mimético, análogo à poesia.

Eu diria que a minha poesia está saturada, pelo fato de eu haver criado exaustivamente sobre o sentimento do amor diversas poesias de N modos e N variáveis, não havendo restado perspectiva de se criar de outra maneira, por conta da exploração insistente desse sentimento, a criação tornou-se repetitiva, o sentimento exprimido não é diferente dos anteriores, preciso expandir os horizontes interagindo com outras formas de escrita, além disso necessito de experiências emocionais que me tragam inspiração.

Nós que temos essa vontade de escrever, ficamos horas pensando num determinado afeto que nos circula, que nos rodeia, que de tempo em tempo nos retorna, trazendo recordações e emoções positivas, mas que não sabemos identificar o que é, neste momento sinto isto, a tentativa de

escrever, é uma tentativa de fazer emergir um resquício poético, algo mal elaborado, e que pretende ser, mas que não é, ou por conta de não ser o tempo psicológico correto ou por resistência da consciência em não atingir ou grau maior de sensibilidade, por receio do que pode acarretar nas ações cotidianas, um maior grau de consciência, acaba refletindo no comportamento e por conseguinte em outros sujeitos, percebi tal fenômeno me observando. Em momentos de grande inspiração, escrevo muito, o corolário é o fortalecimento da personalidade, quando vejo o ambiente se modifica com maior facilidade por conta de minhas ações, tenho uma maior posse do ambiente. Lembrei, manifestou-se:

Quem a tem?

A necessidade é de paixão

A necessidade é de um beijo

A necessidade, é a necessidade, de não ter necessidade

De um sorriso

Das minhas mãos que levemente te tocam

A face e a tez

E atestam o meu amor por você

Que é sem luz, escuro

Como as brumas do entardecer no dia de inverno

Sem crepúsculo e sem escrúpulos

Me deixo levar, como corrente de água

Gotas fluem, levemente no mar

Meu corpo é fluído

Eterna consciência do universo

E do ser e dos organismos

É todo natural, é natureza

Sendo bom ou mal, é

Consciência onisciente

Onipotente, onipresente

O amor... É uma carência do corpo

Que te perturba

Que te faz caminhar entre representantes

Sem campo, nem área

O amor é nômade

Que identifica características

E às ama indiscriminadamente

Alternando-se entre os entes

O corpo carece, do que alma necessita

O corpo exige, o que na alma falta

E o coração diz, sobre aquilo que não tem.

Perturbado ele se pergunta: Quem à tem?

Eu me pergunto: quem à tem? Poderia ser o primeiro a tê-la, não? O que sei no momento, é que estou muitíssimo cansado. As coisas poderiam ser mais fáceis, mas não são. Às vezes fico imaginando, poxa vida. Eu poderia apenas ir, até ela e dizer "Se quer ir no cinema?". Não reclamo de minha vida, apesar de eu não ter nascido em boas condições, não ter família culta, ser filho de proletários, mas isto não é o pior e com relação a isto não há complicações, o problema na verdade, é que tudo gira em torno das mercadorias, só é possível desfrutar da vida quando se tem poder aquisitivo, e no momento estou desprovido de qualquer um. Não me queixo de minha realidade, não me queixo de minhas conquistas, até o momento estou indo bem, mas uma hora ou outra, essa falta de amor irá me matar, de modo que lentamente estou morrendo, enquanto houver poesia tudo bem, mas quando se exaurirem, o que será de mim? Além de um louco?

CONCLUSÃO.

Como podemos ver o diário de bordo é uma ferramenta que pode ser usada de modo frequente, às vezes os mais diversos pensamentos caóticos nos emergem, a questão não é necessariamente produzir um registro dos fatos, mas sim manifestar as inquietações, as ideias que aparecem de modo abrupto e instantâneo, existem uma porção de atributos psicológicos envolvidos no escrever, nas anotações.

As ideias elas emergem, surgem de um inconsciente que é atemporal, que não compreende uma cronologia. Nesse sentido as ideias que nos aparecem podem fazer sentido num futuro, mas não no momento. O registro dos nossos insights nos fornece uma luz num horizonte próximo, como também a releitura nos permite situar-nos sobre a região que nos encontramos. Pensamentos que não fazem sentido, podem fazer amanhã. É muito comum termos alguma ideia que se localiza enquanto uma semente, mas que se frutifica tempos depois. Para o cientista existe uma validade no registro ou no diário de investigação, pois permite compreender a sua própria estrutura de pensamento, o seu próprio fazer, além de fornecer um relato fiel de si mesmo. Esse reinventar-se diante de si faz parte do conhecimento, pois como todos sabemos: a ciência é um conhecimento que necessita de revisionismo e, portanto, é uma forma de saber que exige a capacidade de ser auto-analisar para encontrar os seus próprios erros e assim errar menos na posteridade. A escrita é um processo de auto-esclarecimento, auto-revelação. Escrever é revelar.

O registro da história do fazer científico nos deixa enquanto legado os fatos de como se sucederam, compreendendo a história não precisamos repetir o que fora feito de equivocado, mas sim ir além nos aperfeiçoando e não repetindo o que já se fez. A principal função da História da Ciência é fornecer as bases para que não caiamos novamente nos mesmos erros, mas sim que possamos errar diante daqueles fenômenos desconhecidos e não errar diante de fenômenos já conhecidos, visto que já saberíamos o resultado. O erro repetido, é um erro que atrasa a humanidade e desonra os antepassados, eles erraram justamente para que nós no presente não precisemos errar, se errarmos devemos errar com coisas que ninguém nunca erro e não com questões que uma miríade de sujeitos erraram. O erro repetido – de nossa parte - é a pior afronta aos nossos ancestrais, pois os envergonha diante da possibilidade do progresso – e da verdade - que eles nos concederam. Por que no final das contas, por que errar se os nossos antepassados já erraram? Eles não erraram justamente para que nós não precisássemos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ANDRADE, Susanne Anjos et al. **Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica**. Revista de saúde Pública, v. 39, n. 4, p. 606-611, 2005.

BUENO, S.M.V. **Contribuição ao estudo da aplicação do lazer no ambiente hospitalar**. Ribeirão Preto, 1981. 236p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

CAMARGO, Rosangela Andrade de Aukar. **Lazer, a vida além do trabalho para uma equipe de futebol entre trabalhadores de hospital [dissertação]**. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2002.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi et al. **Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, v. 8, n. 2, p. 18-24, 2000.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FISCHER, Frida Marina et al. **Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes**. Ciência e Saúde Coletiva, v. 8, n. 4, p. 973-984, 2003.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer. Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos**.(1920-1922). Rio de Janeiro: Imago.(Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XVIII), 1969.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos:(1920-1923)**. Companhia das Letras, 2011.

JUNIOR, Luis Salvador de Miranda Sá. **Desconstruindo a definição de saúde**. Jornal do Conselho Federal de Medicina (CFM), 2004.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão**. Klein M. Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos (1946-1963). Trad. Elias Mallet da Rocha Barros. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LACHTIM, Sheila Aparecida Ferreira et al. **Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgaste?**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 62, n. 2, p. 179-186, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Academias de ginástica como opção de lazer**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 11, n. 2, p. 49-54, 2003.

MORIN, Edgar. **O pensamento complexo**. O pensamento complexo, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. Editora Companhia das Letras, 2007.

ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo et al. **Alterações na saúde decorrentes do excesso de trabalho entre trabalhadores da área de saúde**. Rev. enferm. UERJ, v. 20, n. 4, p. 526-532, 2012.

RUTTER, M. (1991): “**Resilience: Some Conceptual Considerations**”, trabalho apresentado em Initiatives Conference on Fostering Resilience, Washington D.C., dezembro de 1991.

SARTRE, Jean-Paul; FRANCO, Cascais; MOREIRA, Madalena. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 1997.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Da tranquilidade da alma**. Trad. Giulio Davide Leoni. São Paulo: Abril Cultural, 2009.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 42, p. 11-28, 2013.

THUGS-N-HARMONY, Bone. **Change The World**, BTNHResurrection, 2000.

ZAJONZ, Ricieli; MÜLLER, Alessandra Bombarda; VALENTINI, Nadia Cristina. **A influência de fatores ambientais no desempenho motor e social de crianças da periferia de porto alegre**. Journal of Physical Education, v. 19, n. 2, p. 159-171, 2008.